

Como citar este artigo:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos, JUBRAN, Clélia
Cândida A. S. et alii. (1991) "Organização tópica
da conversação" in ILARI, Rodolfo (org.)
**Gramática do Português Falado Vol. II: Níveis
de análise lingüística.** Campinas, Ed. da
UNICAMP, 1992: 357 - 447.

ORGANIZAÇÃO TÓPICA DA CONVERSAÇÃO

*Clélia Candida A. S. Jubran**Mercedes Sanfelice Risso**Hudinilson Urbano**Leonor Lopes Fávero**Ingedore G. Villaça Koch**Luiz Antônio Marcuschi**Luiz Carlos Travaglia**Maria Cecília Perez de Souza e Silva**Maria Lúcia Victório Andrade**Zilda G. O. Aquino**Maria do Carmo de O. T. Santos***1. Introdução**

Uma abordagem textual-interativa do português falado requer a definição de categorias nem sempre previstas na descrição gramatical, que recorta a frase como unidade de análise. Dada a complexidade de fatores envolvidos na comunicação humana, esse recorte dificilmente dá conta de dados pragmático-textuais, que interessam fundamentalmente a uma perspectiva discursiva de análise.

Este trabalho reflete uma preocupação de definir categorias para uma análise situada nesse enfoque e prende-se, particularmente, ao estudo da organização tópica de um discurso de natureza oral-dialogada, tendo em vista a identificação de uma unidade de análise, de estatuto discursivo.

Com esse objetivo geral, o estudo da organização tópica, aqui desenvolvido, descreve um diálogo do Projeto Nurc, com base nas categorias formuladas, no sentido de:

- a) identificar e delimitar unidades tópicas;
- b) caracterizar as relações de interdependência hierárquica e seqüencial (linear) entre elas;
- c) detectar traços reveladores da estrutura interna das unidades tópicas.

O diálogo em análise é o D2-SP-360, que se desenvolve entre duas informantes, na presença de uma documentadora, cuja função é a de provocar a fala das entrevistadas com a proposição de temas, efetuada mediante perguntas ou comentários rápidos para que sua participação no diálogo fosse a mínima possível.¹ A restrita interferência da documentadora e a conseqüente predominância das falas das informantes conferem ao *corpus* traços próximos ao da conversação espontânea, com um reduzido grau de planejamento prévio.

A quase simultaneidade entre a elaboração e a manifestação do discurso, decorrente dessa espontaneidade, não afasta o teor de atividade estruturalmente organizada, que caracteriza uma conversação. Desenvolvida com base em troca de turnos entre pelo menos duas pessoas, a conversação implica, em conseqüência, uma construção colaborativa, pela qual um turno não é simples sucessor temporal do outro, mas é produzido, de alguma forma, por referência ao anterior. Há, portanto, uma projeção de possibilidades que um elemento no turno antecedente desencadeia no próximo turno.

Essa projeção, além de dar indícios do caráter estruturado da conversação, aponta para a possibilidade de apreensão de uma unidade de análise, nem sempre restrita ao turno, tomado individualmente. Isso porque a relação de interdependência entre os turnos pode ser movida pela preocupação dos falantes em se entrosarem, procurando manter a conversação em torno de um conjunto de referentes comuns, que se constituem como foco da interação verbal. Nesse caso, são observáveis segmentos discursivos — comumente, mas não necessariamente, mais amplos do que o turno — articulados em torno de um tópico proeminente. Com efeito, Keenan e Schieffelin (1976, p. 334) observam que, na prática, grande parte do espaço conversacional é usado em trocas nas quais falante e ouvinte tentam estabelecer um tópico discursivo. Há como que uma consciência de que se deve falar sobre algo e de que o ponto para o qual converge a conversa deve ficar claro para ambos os participantes do ato conversacional.

A noção de tópico define, pois, não só o processo de “interação centrada” (Goffman, 1976) no estabelecimento do intercâmbio verbal, como também o movimento dinâmico da estrutura conversacional.

Assim, o tópico discursivo se torna um elemento decisivo na constituição de um texto oral, e a estruturação tópica serve como fio condutor da organização discursiva.

O recorte analítico, centrado na unidade *tópico*, em vez de turno, tem repercussões teórico-metodológicas, evidenciáveis no desenvolvimento deste trabalho.

2. *Tópico: conceito e propriedades*

Em trabalho anterior, sobre “Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado” (Koch et al., 1990), propusemos uma unidade discursiva, que compreendia “fragmentos textuais, de extensões variadas, recobrando determinado assunto (tema), em pauta no segmento recortado para análise”.

A dificuldade de operarmos com tal conceito deveu-se, em primeiro lugar, ao caráter vago e amplo do significado de *assunto*, e do conseqüente grau de subjetividade que preside a própria compreensão dessa noção; em segundo lugar, ao fato de que a associação de *assunto* e *tema* torna a explicação circular, na medida em que o conceito de *tema* carece, igualmente, de uma definição precisa. Em decorrência, não se chegou ao estabelecimento de critérios objetivos para identificação e delimitação de unidades discursivas, resultando, em última instância, na não-indicação das propriedades que as caracterizam.

A fixação de critérios para a apreensão de unidades de natureza discursiva é sempre dificultada por um conjunto de fatos como: a interferência de pressuposições e conhecimentos compartilhados pelos falantes durante a conversação, cuja inferência depende, em grande parte, da sensibilidade do analista; a fluidez com que muitas vezes se desenvolve a conversa, nem sempre apresentando marcas formais que permitam nítidas delimitações das unidades; a atuação de elementos não-verbais, como gestos, olhares, expressões fisionômicas, aos quais o analista nem sempre tem acesso.

Assumindo essas dificuldades, mas, ao mesmo tempo, a necessidade de termos uma base objetiva para a caracterização e identificação de uma unidade de análise de estatuto discursivo, adequada à descrição textual-interativa do português falado, procuramos, neste texto, estabelecer traços que definam uma

categoria operacionalizável com alguma segurança e objetividade. Essa categoria é a de *tópico discursivo*.

O tópico decorre de um processo que envolve colaborativamente os participantes do ato interacional na construção da conversação, assentada num complexo de fatores contextuais, entre os quais as circunstâncias em que ocorre o intercâmbio verbal, o conhecimento recíproco dos interlocutores, os conhecimentos partilhados entre eles, sua visão de mundo, o *background* de cada um em relação ao que falam, bem como suas pressuposições.

Tomado no sentido geral de “acerca de”, o tópico manifesta-se, na conversação, mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem.

A partir desses dados observáveis nas manifestações verbais, pode ser anunciada a primeira propriedade definidora de tópico — a de *centração* — que abrange os traços de:

- a) *concernência*: relação de interdependência semântica entre os enunciados — implicativa, associativa, exemplificativa, ou de outra ordem — pela qual se dá sua integração no referido conjunto de referentes explícitos ou inferíveis;
- b) *relevância*: proeminência desse conjunto, decorrente da posição focal assumida pelos seus elementos;
- c) *pontualização*: localização desse conjunto, tido como focal, em determinado momento da mensagem.²

A propriedade de *centração* diz respeito a conteúdo e, a partir dos traços *a*, *b* e *c*, permite delinear, com maior grau de precisão, o que compreendíamos, no estudo anterior, por *assunto* ou *tema*.

Como unidade discursiva, o tópico não se confunde com o da estrutura sentencial “tópico/comentário”, “tema/rema”, podendo assumir uma extensão que vai além do nível sentencial. Isto porque é possível considerar que fragmentos de uma conversação possam manter-se no mesmo tópico discursivo, apesar das mudanças normais nos tópicos dos enunciados sentenciais, contanto que as contribuições conversacionais desses fragmentos se amoldem à mesma estrutura de relevância tópica (Dascal e Katriel, 1982, p. 81).

Se os primeiros estudos de análise da conversação tendiam a apontar tópico como uma questão apenas de conteúdo, trabalhos mais recentes têm demonstrado, segundo Maynard (1990, p. 263), a possibilidade de descrição de procedimentos

de estruturação tópica, visto que “aquilo de que se fala” não pode ser desvinculado do “como se fala” (Garfinkel, 1967, p. 28, apud Maynard, 1980, p. 284).

Nessa linha, a topicalidade desponta como um princípio organizador do discurso, que apresenta, portanto, no plano de sua realização, uma estrutura passível de ser identificada e analisada. A descrição dessa estrutura baseia-se, assim, numa concepção de tópico entendido como unidade que comporta, além da propriedade de contração, uma segunda propriedade fundamental, a da *organicidade*.

Esta é manifesta por relações de interdependência que se estabelecem simultaneamente em dois planos: no plano hierárquico, conforme as dependências de superordenação e subordenação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência do assunto; no plano seqüencial, de acordo com as articulações intertópicas em termos de adjacências ou interposições na linha discursiva.

Contração e organicidade são, em síntese, traços definidores de tópicos, como categoria abstrata, primitiva.

Operando com tal categoria, na análise de uma conversação, chegamos a:

- a) identificação e delimitação de segmentos tópicos, isto é, unidades discursivas que atualizam as propriedades do tópico;
- b) observação de procedimentos pelos quais os segmentos tópicos, então delimitados, se distribuem na linearidade discursiva e se inter-relacionam no plano hierárquico, segundo os graus de abrangência do assunto por eles recoberto;
- c) caracterização estrutural dessas unidades tópicas, que compreendem, potencialmente, abertura, meio e fecho/saída. Essa estrutura intratópica pode vir a ser evidenciada por marcas de diferentes níveis de realização lingüística, que funcionam como critério auxiliar de delimitação de unidades discursivas.

3. *Organicidade*

3.1 A hierarquia na organização tópica

As relações de interdependência que se estabelecem entre os tópicos, de acordo com o âmbito maior ou menor com que o assunto é abrangido, levam-nos a postular a existência de níveis de hierarquização na estruturação tópica, vista no seu recorte vertical. Cada nível é recoberto por um superior e constituído por um inferior, sendo que os limites dos diversos níveis são dados pelo grau de abrangência do assunto em foco. Há como que camadas de organização, indo desde

um tópico suficientemente amplo para não ser recoberto por outro superordenado, passando por tópicos sucessivamente particularizadores, até se alcançarem constituintes tópicos mínimos — definíveis pelo maior grau de particularização do assunto em relevância. Em decorrência dessa peculiaridade de organização sucessiva, denominações como supertópico e subtópico, embora deixem transparecer a noção de hierarquia, não definem *a priori* nenhum desses níveis.

As relações de interdependência entre os níveis hierárquicos de organização tópica dão origem a Quadros Tópicos (QT), caracterizados por duas condições necessárias (a e b) e uma possível (c):

- a) centração num tópico mais abrangente (Supertópico — ST), que recobre e delimita a porção de discurso em que ele é focal;
- b) divisão interna em tópicos co-constituintes (Subtópicos — SbT), situados numa mesma camada de organização tópica, na medida em que apresentam o mesmo teor de concernância relativamente ao ST que lhes é comum;
- c) subdivisões sucessivas no interior de cada tópico co-constituente, de forma que um tópico pode vir a ser ao mesmo tempo ST ou SbT, se mediar uma relação de interdependência entre dois níveis não imediatos.³

Assim caracterizado, Quadro Tópico constitui, como o tópico, uma noção abstrata e relacional, cujo estatuto concreto é determinado pelo nível de hierarquia selecionado pelo analista, para operar na descrição de um *corpus*. É essa seleção que vai definir concretamente o QT tomado para análise em cada caso. Tendo em vista que cada tópico tem um valor relacional na linha de subordinações contínuas, o recorte de QT feito pelo analista fixará, conseqüentemente, em cada caso, a condição de super ou subtópico.

3.2 Distribuição tópica na linearidade discursiva

No que diz respeito à progressão da conversação, dois fenômenos básicos caracterizam a distribuição de tópicos na linearidade discursiva: a *continuidade* e a *descontinuidade*.

A continuidade decorre de uma organização seqüencial dos segmentos tópicos, de forma que a abertura de um apenas se dá após o fechamento do outro, precedente. Em outros termos, a mudança de tópico, nas situações em que não se projetam mais possibilidades de desenvolvimento do tema anterior, caracteriza o processo de continuidade de manifestação tópica na linha do dis-

curso.⁴ A categoria de continuidade se define, então, por uma relação de adjacência que ocorre na circunstância específica de esgotamento do tópico anterior. Portanto, destacam-se duas condições para a ocorrência dessa categoria: uma — a da contigüidade — que se observa no plano intertópico, e outra — a do esgotamento — constatado no plano intratópico.⁵

A descontinuidade decorre de uma perturbação da seqüencialidade linear, verificada na seguinte situação: um tópico introduz-se na linha discursiva antes de ter sido esgotado o precedente, podendo haver ou não o retorno deste após a interrupção. Nos casos em que há retorno, temos os fenômenos de inserção⁶ e alternância;⁷ nos casos em que não há retorno, temos a ruptura ou corte (de que não há ocorrências no *corpus*).

A descontinuidade se define, então, ou pela suspensão definitiva de um tópico, ou pela cisão de um tópico em partes, que se apresentam de forma não adjacente na linearidade discursiva, em decorrência da intercalação de segmentos não atinentes ao tópico cindido.

3.3 A organização tópica

Em 3.2 discutiu-se a distribuição dos tópicos na linearidade discursiva, à medida que a conversação progride. A partir das unidades discursivas mínimas (cf. Gráfico 1), o analista depreende agrupamentos de segmentos tópicos que se subordinam a um tópico superordenado, estabelecendo-se dessa forma níveis hierárquicos (cf. Gráfico 2). Levando-se, pois, em conta que a organização tópica compreende esses dois planos (linear e vertical), funcionando ambos simultaneamente, observa-se que ela inclui fatos que vão além do que ficou explicitado pela consideração da continuidade e descontinuidade apenas no plano linear.

De fato, a comparação entre os gráficos 1 e 2, que esquematizam a análise do SP-360, deixa evidente que a continuidade e descontinuidade na organização tópica podem funcionar de modo diferente daquele revelado apenas na linearidade.

Tomemos como exemplo o tópico “Trabalho com os filhos”, que é do terceiro nível hierárquico.⁸ Ele é constituído pelos segmentos 3, 6, 8, 14 e 15, portanto por segmentos não contíguos. Entre eles aparecem segmentos de outros tópicos, todos do terceiro nível:

- a) o segmento 2 que, juntamente com 4, constitui o tópico “Tamanho da família de origem”;

- b) o segmento 1 que, junto com 5, constitui o tópico “Planejamento familiar”;
- c) os segmentos 7 e 9, que constituem o tópico “Acúmulo de atividades dentro e fora do lar”;
- d) o segmento 10, um tópico de transição;
- e) os segmentos 11 e 12, que constituem o tópico “Papel de supervisor de um filho”;
- f) o segmento 13, que constitui o tópico “Cumplicidade entre os filhos de L2”.

Considerando então os planos linear e hierárquico, a descontinuidade na organização tópica se caracteriza pela inserção de tópicos constitutivos de um quadro tópico entre tópicos de um outro QT. É importante observar, porém, que a organização seqüencial, perturbada na linearidade, tende a se restabelecer, à medida que se atenda para níveis hierárquicos mais elevados; ou seja, a continuidade, postulada em termos de só se abrir um novo tópico após o fechamento de outro, reaparece nos níveis mais altos da hierarquia da organização tópica. Assim, o tópico “Profissão” só é iniciado quando os interlocutores dão o tópico “Família” como esgotado. Essa constatação evidencia que uma conversação é um fenômeno mais estruturado, coeso e coerente do que tradicionalmente se admite.

Pelo exposto, observamos que a descontinuidade é caracterizada basicamente por fenômenos de *inserção*, que consiste, em sentido amplo, na ocorrência de um segmento tópico no interior de um outro segmento tópico em desenvolvimento, segundo o esquema $A \leftarrow B \rightarrow A$. Nesse sentido, as inserções implicam a retomada ou retorno do tópico anterior. A reintrodução ou retomada pode acontecer de imediato, como ocorre com o tópico dos segmentos 26 e 28, em que se insere o tópico do segmento 27.

Às vezes, o tópico inserido é retomado em outro ponto da conversação, expandindo-se em vários segmentos tópicos. Assim, por exemplo, o tópico do segmento 40 é retomado e expandido nos segmentos 45, 46, 47 e 48. Às vezes um tópico já desenvolvido em outros segmentos é retomado adiante para colocação de mais um aspecto do mesmo. É o que temos com o tópico “Concurso para procurador”, que já fora desenvolvido nos segmentos 25, 26, 28 e 29 (com inserção de 27 do tópico “A mulher procuradora”) e é retomado bem adiante na conversação, no segmento 37, para falar da “Instituição de concurso para procurador”.

A expansão de tópico pode ocorrer na forma acima, mas pode também ocorrer como o desenvolvimento pleno de dados colocados de passagem, anteriormente, na conversação, sem que esses dados tenham constituído um segmento tópico específico. Assim, o segmento 15 (“Correria da manhã de L1”)

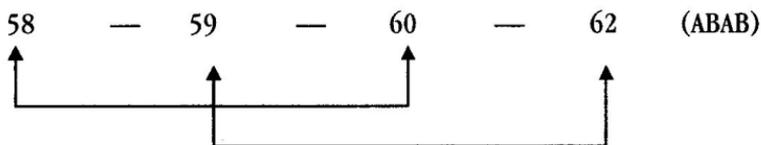
representa uma expansão, através do detalhamento de atividades que provocam a correria a que ela se referiu de passagem por mais de uma vez no segmento 7.

Vistas por um ângulo restrito, as inserções constituem as chamadas digressões.⁹ Considerarmos basicamente dois tipos de digressões:

- a) *digressões baseadas no enunciado*, que ocorrem quando o segmento inserido constitui um tópico que se relaciona, de algum modo, a outro(s) tópico(s) da conversação, por se subordinar a algum tópico hierarquicamente superior a que esse(s) outros(s) tópicos(s) também se submete(m) (por exemplo, segmentos 23 e 27);
- b) *digressões baseadas na interação*, que não apresentam relações de conteúdo com outro(s) tópicos(s), justificando-se por contingências interacionais (por exemplo, segmentos 20 e 61).

Pode-se questionar o estatuto digressivo do primeiro tipo, considerados os planos linear e hierárquico da organização tópica, embora a digressão se evidencie no confronto com os segmentos imediatamente contíguos. É que tais segmentos, subordinados ao nível superior e em coordenação com os outros segmentos desse nível, acabam por perder o caráter digressivo (ver comentário anterior sobre o segmento 27).

Voltando às inserções em sentido amplo, verifica-se que podem aparecer combinadas a outros fatos da organização tópica, como a *alternância*, a qual, por sua vez, supõe estruturas paralelas, resultantes quer do assunto, quer da interação. São exemplos de alternância resultante do assunto os segmentos 58, 59, 60 e 62, em que temos a alternância dos tópicos “Tendência vocacional de Laura” (58 e 60) e “Tendência vocacional de Estela” (52 e 62):



São exemplos de estruturas resultantes da interação, caracterizadas pelo desenvolvimento do mesmo tópico por falantes distintos, os segmentos 1, 2, 4 e 5 (ABBA) e os segmentos 6, 7, 8 e 9 (ABAB), (cf. páginas 389 e 390). Assim, há estruturas caracterizadas pelo desenvolvimento do mesmo tópico por falantes distintos, ou pelo desenvolvimento de dois tópicos do mesmo nível que se parcelam na linha discursiva e cujas porções se sucedem repetida e regularmente, segundo esquemas do tipo ABBA, ABAB, AABB.

Vimos, em 3.2, que a *mudança de tópico* caracteriza apenas ocasionalmente um processo de descontinuidade tópica na linha do discurso. Na verdade, tendo em vista a função básica da mudança de tópico proposta por Maynard (1980, p. 284) (reinstaurar a fala contínua), pode-se dizer que ela se liga à manutenção e progressão da conversação.

A mudança de tópico pode ocorrer sob três formas:

1) introdução de um tópico após esgotamento natural do anterior, configurando um caso típico de continuidade;

2) passagem gradativa de um foco de relevância a outro, feita graças aos chamados *tópicos de transição*, representados por segmentos de uma conversação que não se integram a um tópico específico, porque desempenham, na progressão tópica, a função de estabelecer uma mediação entre dois tópicos, promovendo a transição gradual de um para outro. Nesses segmentos, com frequência, o falante explicita a relação associativa que ele estabelece entre dois conjuntos conceituais. O tópico desse segmento é, pois, de transição, porque não é mais o tópico anterior, nem ainda o tópico seguinte, mas algo que liga um ao outro. Temos tópicos de transição nos segmentos 10 e 38 (cf. gráficos 1 e 2). A transição gradual observada nesses casos assegura a continuidade intertópica, pelo esvaziamento paulatino de um tópico e o surgimento subsequente de outro.

O tópico de transição é, para Sacks (cf. Maynard, 1980, pp. 282-283), um padrão convencional geral, pelo qual é mantida a fala em turnos. Ele é também um recurso de manutenção da conversação, que evita a mudança brusca de tópico, permitindo, todavia, que ele se modifique, de modo a que o falante sinta a fala do outro como pertinente em termos do que se vinha tratando;

3) introdução de um tópico, por abandono do anterior, antes que os interlocutores o dessem por encerrado. Nessa situação, ocorre um corte do tópico que estava em pauta.

É comum que a mudança de tópico seja realizada sob a forma de anúncios entre interlocutores conhecidos e de convites, entre desconhecidos (Maynard, 1980, p. 283). Isto pode ser notado no SP-360, em que a mudança de tópicos entre documentador e informantes se faz por convites, quase sempre na forma de perguntas, e entre as informantes, na forma de anúncios, embora às vezes usem convites, como nas linhas 228-229 (início do segmento 12).

Quando há, por parte de um dos locutores, uma tentativa de corte do tópico em desenvolvimento pelo outro locutor, pode-se registrar o fenômeno da superposição de tópicos: dois tópicos diferentes convivem temporariamente, num determinado ponto da conversa. Essa superposição pode ser logo supera-

da, como veremos adiante, na análise dos segmentos 10 e 11. Quando essa situação se estende por mais tempo, fica prejudicada a centração cooperativa dos interlocutores: cada falante desenvolve um tópico, sem levar em conta o que o outro diz.

Ainda no que diz respeito à análise das formas de desenvolvimento de um tópico, um outro aspecto é o que concerne ao *movimento de tópico*, cuja identificação se torna mais clara se atentamos para a questão da *uniformidade* de tratamento, de perspectiva de um “conjunto” de produção lingüística sobre determinado ponto. Essa uniformidade norteia a identificação dos segmentos tópicos e seu agrupamento, no plano vertical, sob um tópico mais abrangente.

O movimento de tópico ocorre quando, na conversação, os interlocutores realizam um “deslizamento” de um aspecto de um tópico para outro “a fim de ocasionar um conjunto diferente de mencionáveis (referentes, entidades)”.¹⁰ Tal movimento de tópico pode se fazer por meio dos processos abaixo, dos quais apenas *a* e *b* são registrados no *corpus* analisado:

- a) usar formulações alternativas de um objeto para constituir linhas diferentes de falas tópicas (cf. Maynard, 1980, pp. 274-275). Um exemplo disso seriam os segmentos 25, 26, 28, 29 e 37, subordinados ao tópico “Concurso para procurador” (cf. Gráficos 1 e 2). Cada um dos segmentos aborda a questão do concurso para procurador de um ponto de vista diferente: em 25, fala-se do concurso pelo qual L2 ingressou na carreira de procurador; em 26 e 28, da expectativa de um novo concurso para ingresso na procuradoria; em 29, das razões da prorrogação do prazo de validade do último concurso e, em 37, da instituição de concurso para ingresso na carreira de procurador;
- b) falar de entidades que podem ser chamadas de membros da mesma classe (cf. Sacks, 1968, apud Maynard, 1980). Veja-se como exemplo os segmentos 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63 e 64, em que se fala das tendências profissionais dos filhos de L1. Em cada um ou na junção de alguns (58 + 60 e 59 + 62), faz-se referências às tendências de um filho;
- c) expandir um elemento que, no tópico em desenvolvimento, fora rapidamente referido ou figurava como marginal no conhecimento de mundo dos interlocutores;
- d) dar exemplos;
- e) fazer sínteses;
- f) fazer análises;
- g) fazer comparações etc.

Verifica-se, a partir do exposto neste item sobre organização tópica, que o tópico, na conversação, é algo que se estrutura de forma dinâmica, suscetível de constantes alterações.

4. Marcas lingüístico-discursivas da delimitação tópica

Embora este primeiro estudo sobre a organização tópica tenha sido norteado fundamentalmente pela propriedade de centração, faz-se necessário encontrar, na expressão verbal dos falantes, indícios ou sinais de orientação aos interlocutores, que se apresentam como marcas da delimitação tópica.

Segundo Goffman (1976, p. 36), as condutas dos participantes de uma interação se submetem a uma expressão verbal que ordena o fluxo das mensagens. Realmente, observa-se que, enquanto dura o diálogo, os falantes se mantêm perfeitamente engajados no processo interacional, apesar da multiplicidade de tópicos que o constituem. Os participantes vão captando os sinais emitidos e orientando suas falas segundo o fio condutor (o tópico) responsável pela tessitura e coerência da conversação.

Nossa análise do *corpus* permitiu a constatação de dois fatos importantes:

a) os segmentos caracterizam-se como um conjunto de enunciados apresentando *abertura* ou *começo*, *meio*, e *fecho* ou *saída* (marcados ou não, conforme apontam as fichas do Anexo 1).

A *abertura* ou *começo* nem sempre está presente como realização específica, podendo ser detectável apenas pela mudança de rumo da conversação. Se o tópico se caracteriza por centrar-se em um assunto, o início de um segmento tópico pode ser detectado no momento em que esta centração de assunto se distingue de uma outra centração anterior.

O *meio* não apresenta extensão determinada *a priori*. Pode ser longo ou curto, dependendo do número de enunciados que constituem o segmento tópico.

O *fecho* ou *saída* corresponde ao limite em que se detecta nova centração. Decorre, comumente, da exaustão do tópico ou de sua descontinuidade, motivada por fatores diversos, como, por exemplo, a mudança brusca, aceita pelo interlocutor, do(s) referente(s) em relevância. A *saída* nem sempre significa conclusão, mas fim de seqüência (conforme apontam as observações, na ficha 6 do Anexo).

b) a delimitação dos segmentos tópicos pode ser justificada por marcas, cuja identificação constitui um critério auxiliar de segmentação, já que elas não configuram um padrão de ocorrências que possibilite categorização segura. Há fatores que dificultam a sistematização, visto serem as marcas:

1) *facultativas* — os segmentos tópicos nem sempre têm seu início e final marcados;

2) *multifuncionais* — os elementos que marcam as delimitações tópicas não exercem essa função em caráter permanente e exclusivo. Eles podem aparecer em situações textuais outras, diferentes da delimitação tópica. Um exemplo característico é o marcador “então”, que abre vários tópicos, mas aparece, também, em outros pontos (ver fichas do Anexo 1);

3) *co-ocorrentes* — há uma tendência para o acúmulo de vários procedimentos no mesmo ponto, como, por exemplo, à linha 175 do *corpus*, em que o fechamento do segmento vem marcado por entonação descendente conclusa, pausa de 3”, seguida do marcador conversacional “né”.

Tais marcas, que se evidenciam por meio de realização lingüística, possuem também reconhecido valor discursivo e/ou pragmático. É o que acontece com os marcadores conversacionais, com atos ilocutórios como as perguntas, as repetições, as frases feitas, entre outras.

Reconhecendo a necessidade de aprofundamento desta questão, será proposta uma categorização preliminar das marcas, discriminadas conforme a parte do segmento em que comumente ocorrem.

4.1 Prosódicas

Os falantes modulam continuamente sua expressão verbal, imprimindo-lhe inflexões, velocidade, ritmo, adequados à exteriorização da mensagem.

A *entonação* é um dos mecanismos mais eficazes a que os falantes recorrem para expressar o conteúdo que, por sua vez, é fundamental na constituição dos tópicos. Pode haver segmentos em que a entonação não desempenhe papel preponderante para a identificação das fronteiras tópicas; entretanto, observa-se, na maior parte das ocorrências, que esses momentos se apresentam marcados por modulações entonacionais típicas:

começo — *entonação ascendente* (/) com modulação de voz sugerindo início frasal, como, por exemplo, nos segmentos 6 e 8. (Ver fichas do Anexo 1.)

fecho — *entonação descendente* (\) na maior parte das vezes com inflexão conclusa. Verifiquem-se as ocorrências nos segmentos 4 e 13; ou *ascendente*, acompanhando marcadores típicos como *né?*, *não é?*, *não é verdade?*, *sabe?*

4.2 Morfossintáticas

Há elementos lingüísticos de natureza morfossintática que, em virtude de sua ocorrência típica em determinadas partes dos segmentos tópicos, caracterizam-se como marcas, podendo ser tomados como critério auxiliar para a delimitação dos segmentos:

- a) *topicalização*. Segundo Ross (1967, apud Duranti e Ochs, 1979, p. 386), neste tipo de ocorrência um constituinte é deslocado para o início da sentença. O constituinte frasal em proeminência vai estabelecer um quadro de referências para o que vai ser dito a seguir, sendo, portanto, este recurso, comumente empregado pelos falantes para abrir tópicos. No segmento de nº 42 (ver Anexo 1), pode ser verificada uma ocorrência típica: a locutora falava, na seqüência antecedente, sobre a oferta e a procura de profissionais, mencionando, de modo genérico, diversas profissões. Entretanto, um dos referentes — agrônomo — passa a ser centralizado e torna-se novo assunto em relevância. Outras ocorrências podem ser verificadas nos segmentos 35 e 64.
- b) *deslocamento à esquerda*. Segundo Duranti e Ochs (1979, p. 386), o deslocamento à esquerda distingue-se da topicalização, porque no primeiro sempre ocorre um pronome co-referencial, enquanto no segundo tal pronome não aparece. Foram constatadas construções deste tipo iniciando tópicos nos segmentos 36 e 56, por exemplo. No segmento 56 (linha 1.284), L1 falava de uma de suas filhas gêmeas e, a partir do deslocamento à esquerda, o tópico passa a ser “a outra gêmea”.

4.3 Léxico-semânticas

A parte final do segmento tópico apresenta-se freqüentemente marcada por mecanismos de recorrência semântica, como as paráfrases e repetições.

- a) *Paráfrases* — como pode ser verificado no *corpus* analisado, as paráfrases “formulações diferentes de um conteúdo idêntico” (Fuchs, 1982, p. 7) manifestam-se freqüentemente introduzidas por marcadores do tipo “quer dizer”, “isto é”, “ou então” etc., retomando, geralmente de modo resumido, o conteúdo anteriormente exposto. Como exemplos, observem-se as ocorrências nos segmentos 24 e 33.
- b) *Repetições* — as repetições freqüentemente permitem:

- 1) apenas concluir tópicos: a repetição “é um corre-corre (linha 175) conclui o segmento de nº 9 em que L1 discriminava todas as atividades por ela desempenhadas para caracterizar o acúmulo de tarefas sob sua responsabilidade;
 - 2) concluir para introduzir novos tópicos – algumas vezes, os falantes recorrem às repetições apenas como forma inicial de turno, introduzindo, subseqüentemente, outro tópico. No segmento 50, por exemplo, L1 fazia uma avaliação sobre seu afastamento profissional para cuidar dos filhos, e L2 considera que “foi melhor”. L1 retoma essa expressão para iniciar um turno no curso do qual introduzirá novo tópico (segmento 51) sobre seus projetos profissionais para o futuro.
- c) *Frases feitas, ditados populares* — também costumam ser recurso para finalizar tópicos: “o futuro pertence a Deus” (segmento 3); “quem não arisca não petisca” (segmento 29).
- d) *Enunciados conclusivos* — em grande número de ocorrências, a parte final do segmento apresenta-se marcada por comentários conclusivos, introduzidos por “enfim”, “então”, “pois é” etc. Verifiquem-se as saídas dos segmentos 2 e 3.

4.4 Outras marcas discursivas

Além dos fatos prosódicos, morfossintáticos e léxico-semânticos apontados, há outros elementos que podem funcionar como delimitadores de tópicos, como os marcadores conversacionais, atos ilocutórios, pausas, silêncios, hesitações etc.

a) *Marcadores conversacionais* — dada a diversidade da natureza dos elementos que constituem esta categoria — elementos de natureza fonopragmática (como *abn... abn*), de diferentes classes gramaticais (verbo, advérbio, conjunção, pronome etc.) e formas sintáticas (palavra, frase, oração) —, é possível que alguns deles se enquadrem, também, em alguns dos itens anteriores. Por cumprirem funções interacionais e conversacionais, consistem em um recurso presente durante toda a interação. Entretanto, eles podem ser tomados como marcas por apresentarem-se em ocorrências típicas para abrir, continuar ou fechar tópicos. Segundo considerações de Marcuschi, (1989, p. 297), “na medida em que encadeiam coesivamente um texto, os marcadores conversacionais também o segmentam, agindo como fatores de segmentação”.

Serão destacados, a seguir, marcadores conversacionais mais comumente encontrados em pontos de delimitação tópica:

- começo: *agora, então, realmente, depois, depois disso, ainda agora, e aí, e às vezes, e tem outro problema, e tem outra coisa, e ainda mais porque, e tem mais, e depois então.*
- fecho: *não é?, né?, enfim..., quer dizer.*

b) *Atos ilocutórios*: a força dos atos ilocutórios repercute na segmentação tópica, marcando, com frequência, o começo de um novo segmento, sobretudo no momento em que há perguntas. A natureza do *corpus*, com temas preestabelecidos, marcado pela presença da documentadora, certamente influencia a caracterização das ocorrências. No entanto, foram constatados, também, em maior número do que os mencionados acima, pontos de delimitação tópica marcados por atos ilocutórios decorrentes de perguntas feitas pelas locutoras, participantes diretas do diálogo.

c) *Silêncio e pausas*: os momentos de vacância verbal que permeiam a enunciação podem, de conformidade com o contexto, constituir-se em ausências significativas, marcando pontos de segmentação tópica. Essas ocorrências manifestam-se mais acentuadamente no final do segmento tópico. Segundo Maynard (1980, p. 280), o silêncio possibilita o apagamento do foco da fala, facilitando a instauração de novo tópico.

d) *Hesitações*: há um conjunto de marcas como alongamento de vogais, pausas, pouca velocidade (ralentamento da fala), algumas vezes com a manifestação de anacolutos e interrupções, que caracterizam hesitações, muitas vezes marcando o fim de segmento tópico. Observe-se a ocorrência nas linhas 218 a 223 (segmento 11): as hesitações já caracterizavam esgotamento do tópico, criando condições para que o turno fosse assaltado pela interlocutora, abrindo novo tópico.

A identificação das marcas constatadas nos segmentos tópicos analisados (lembrando-se que é possível alguns deles se apresentarem não-marcados e também a necessidade de aprofundamento do estudo) nos permite detectar formas características de se iniciar tópicos, bem como de fechá-los, conforme demonstra a leitura vertical do Quadro 1, a seguir.

Quadro 1
Marcas lingüístico-discursivas da delimitação tópica

	Começo	Fecho
Prosódicas	entonação ascendente (↗)	entonação descendente(↘); ascendente após né, não é? etc.
Morfossintáticas	topicalização, deslocamento à esquerda	
Léxico-semânticas		paráfrases repetições frases feitas enunciados conclusivos (introduzidos por <i>enfim</i> , <i>então</i> , <i>pois é</i> etc.)
Outras marcas discursivas	marcadores: (<i>agora</i> , <i>então</i> <i>realmente</i> , <i>depois</i> , <i>depois disso</i> , <i>ainda</i> <i>agora</i> , <i>e aí</i> , <i>e às vezes</i> , <i>e tem outro problema</i> , <i>e ainda mais</i> <i>porque</i> etc.) atos ilocutórios: (perguntas)	marcadores: (<i>não é?</i> , <i>né?</i> <i>enfim</i>)
	silêncios, pausas, marcas de hesitação	

5. Análise do inquérito SP-360

5.1 Metodologia

A análise da organização do texto conversacional, representado pelo D2-360-SP, compreende preliminarmente duas etapas, levando-se em conta os eixos linear e hierárquico:

- a) segmentação do texto em suas menores porções (segmentos tópicos), assim consideradas aquelas identificáveis fundamentalmente pelo princípio de centração e delimitadas, eventual e complementarmente, por marcas lingüístico-discursivas (cf. Gráfico 1 e fichas de segmentação correspondentes). Excepcionalmente, um segmento representa apenas parte de um segmento tópico cindido (segmento de tópico);¹¹

- b) o agrupamento desses segmentos tópicos, conforme o grau de associação entre eles e o enquadramento sucessivo dos grupos em níveis mais elevados, obtendo-se como resultado a configuração de pirâmides tópicas (cf. Gráfico 2).

Para a análise estrutural dos segmentos delimitados são utilizadas fichas onde se transcrevem o segmento considerado e os elementos para sua identificação, sendo previstos ainda espaços para *Análise estrutural* e *Observações* localizadas dos segmentos (cf. fichas).

Na análise estrutural dos segmentos são depreendidas as partes componentes, identificadas pelas letras A, B, C, conforme se trate de abertura/começo, meio e fecho/saída. Fica entendido que essas partes não significam necessariamente “introdução”, “desenvolvimento” e “conclusão” e, na prática, nessa acepção, podem inexistir uma ou duas delas.

Na transcrição do texto nas fichas, procurou-se observar e assinalar, quanto à fronteira final, as pausas e silêncios, quando significativos (utilizando-se números e aspas para indicar o tempo de duração em segundos. Exemplo: 1,5”) e as entonações descendentes (↘) ou ascendentes (↗), esclarecendo-se, no momento da análise estrutural, se se tratava de entonação conclusa ou não conclusa. É considerada conclusa — podendo constituir uma evidência complementar de fim de unidade — a entonação equivalente, na escrita, a um ponto final, ponto de interrogação ou ponto de exclamação, que encerram, ao mesmo tempo, uma estrutura sintática frasal. Os elementos semânticos que constituem os referenciais básicos sob o prisma da centração, para a identificação do segmento tópico, foram indicados por meio de grifos no próprio texto.

Na indicação do início e fim de um segmento linear, foi utilizada a numeração da linha, com esclarecimento, entre parênteses, da palavra inicial ou final do segmento, quando a linha não era tomada por inteiro.¹²

A análise propriamente dita da organização tópica do *corpus* desenvolve-se após a sua segmentação linear e a construção das pirâmides tópicas, tendo-se sempre em mente esses dois planos organizacionais.

Foram elaborados dois gráficos: Gráfico 1 — Plano linear e Gráfico 2 — Plano hierárquico. Outros aspectos complementares da metodologia e análise são explicitados nos gráficos e fichas.

5.2 Segmentação linear

Na segmentação linear do *corpus*, foram computados 71 segmentos, das mais variadas dimensões (cf. Gráfico 1 e fichas correspondentes).

Assim, observam-se segmentos muito pequenos, até minúsculos, como os de número 20, 21, 38, 39, 45, 52, 58, 59, 60, 61, 67, 68, ao lado de outros bastante grandes, como 28, 29, 32, 33, 46, 57, 63, 71.

Entre os segmentos, há os que se somam, equivalendo, na verdade, a um só tópico. Por terem sido interrompidos ou abandonados temporariamente, em virtude de um desvio de base interacional ou semântica, e retomados em seguida, levemente matizados ou não, tais tópicos constituem-se, linearmente, de segmentos, tendo, de permeio, o segmento ruptor, de natureza desviante (cf. Gráfico 2, segmentos 19 e 21, 22 e 24, 26 e 28, 39 e 41, 53 e 55, 58 e 60, 59 e 62, 67 e 69). Esses pares, embora com numeração diferente, foram rotulados com o mesmo título. Como nem sempre os segmentos tópicos apresentam limites facilmente demarcáveis, o corte no segmento 10, por exemplo, foi feito ao final da linha 186 (fala de L2), porque o enunciado em questão poderia estar encerrando o segmento tópico, em termos de assunto, entonação e estrutura sintática. Com efeito, em razão desse possível ponto de completude semântico-pragmática, L1 começa a introduzir, com um comentário, um novo tópico (linha 187: “agora tem sempre...” — ficha 11) (cf. também linhas 189, 190). Todavia, L2, após uma rápida pausa, preenche com essa introdução tópica de L1, retoma o tópico anterior, fazendo um acréscimo (acréscimo opcional, cf. Sacks et al., 1974), de caráter mais ou menos parafrástico (linha 88: “um já ajuda o outro”) e os tópicos (segmentos 10 e 11) acabam por ficar parcialmente superpostos ou entrecruzados.

5.3 Organização hierárquica

5.3.1 Os grandes tópicos

Nesta dimensão, podemos observar que os falantes desenvolvem dois grandes tópicos (Família e Profissão), entrelaçados por aspectos tópicos comuns. É o caso dos segmentos de número 22 e 24 (Abandono da vida profissional de L1 por causa dos filhos) que foram interpretados como subordinados ao tópico “Papel da mulher casada”. Embora este fosse o enfoque realmente relevante, não há dúvida de que o tópico Profissão aí foi aflorado e serviu mesmo de transição e sugestão para o enfoque a seguir da Profissão como tópico relevante. Na linearidade, com efeito, os segmentos 22 e 24 vêm imediatamente antes do segmento 25, que abre o subtópico “Concurso para procurador”, o qual constitui o primeiro dos tópicos do supertópico Profissão. Aliás, a pergunta de L2 (linha 417), abrindo o segmento 22, parece dar realce ao assunto “Trabalho” (você... chegou a *trabalhar* e depois deixar de *trabalhar* por causa dis/de: — linhas

417, 418). No Gráfico 2, esses supertópicos aparecem no topo de duas grandes configurações piramidais, as quais compreendem basicamente três níveis inferiores e, excepcionalmente, um quarto (cf. 15.1, 15.2 e 15.3).

Além dos supertópicos Família e Profissão, há que se levar em conta um tópico, da natureza puramente interacional — “Questão do horário” — que abrange os segmentos 61, 68 e 71.

Há segmentos que podem ser desdobrados em menores, levando-se em conta certo detalhamento do assunto. É o caso do segmento 15, que compreende aspectos da “Correria da manhã de L2”, no *vestir* os filhos (linhas 300 e 311), no fornecer o *café da manhã* (linhas 311 a 327), na *saída* para a escola (linhas 327 e 338).

Há também esporadicamente tópicos que não se desdobram em níveis inferiores. É o caso dos tópicos “Carreiras boas para a mulher dona de casa” (segmento 31) e “Atividades profissionais do marido de L1” (segmento 49), subordinados diretamente ao supertópico Profissão e sem subordinar qualquer tópico constituinte. No caso do primeiro, por exemplo, ele aparece linearmente no momento em que, falando-se sobre “A mulher procuradora” (segmentos 27, 30, 32 e 33) e, em particular, sobre a vantagem dessa carreira para a mulher (segmento 30), a documentadora provocou a entrada de um novo tópico, com a pergunta: “você falou em :: carreira... boa para a mulher né? que tipo de carreira... fora essa seriam digamos conveniente...” (linhas 646, 648 e 649). Dessa forma, ele não ficou subordinado ao tópico “A mulher procuradora” (dentro do qual linearmente se insere), mas sim, ao supertópico Profissão.

A — Família

O primeiro supertópico Família é desenvolvido, num nível imediatamente inferior, através de quatro tópicos, a saber:

- a) *tamanho da família;*
- b) *papel da mulher casada;*
- c) *relacionamento entre os filhos;*
- d) *os filhos e a escola;*

os quais, por sua vez, considerados individualmente, são desdobrados em dois ou três tópicos, os quais, novamente, compreendem novos desdobramentos, numa seqüência sucessiva de abrangência cada vez menor, conforme se pode apurar na organização vertical.

Dos quatro tópicos abrangidos pelo supertópico Família, os três primeiros foram desenvolvidos mais ou menos alternadamente por ambas as locutoras,

ao passo que o último o foi quase exclusivamente por L2. Esta afirmação não destrói o princípio de que o texto conversacional é construído coletivamente. O que se quer dizer aqui é que, seja pelo envolvimento com o assunto, seja pela iniciativa e interesse pelo próprio desenvolvimento e desdobramento do assunto, um determinado falante como que comanda a progressão tópica. É o que diz Maynard (1980, p. 266): “Muitas vezes cabe a uma pessoa num dado momento a responsabilidade de desenvolver um tópico”.

No quarto tópico do primeiro nível mencionado (Os filhos e a escola, que compreende os tópicos “Problema do filho de L2 na escola” e “Adaptação da filha de L2 à escola” — segmentos lineares 16, 17, 18, 19 e 21), o envolvimento com o assunto em si é todo de L2, já que se fala de seus filhos. Por via de consequência, L2 tem interesse natural, revelando iniciativa no desenvolvimento desse tópico.

Isto não quer dizer que, necessariamente, o falante diretamente envolvido no conteúdo tópico, isto é, objeto do conteúdo tópico, tenha, ele mesmo, que desenvolver o tópico, mas o natural é que o faça, principalmente em se tratando de depoimentos e confidências (cf. Brown e Yule, 1983, p. 68). Com efeito, no segmento 15 (Correria de manhã de L2), L2 já vinha falando de seus filhos, por causa dos quais, ao menos em parte, ele realizava uma correria durante a manhã, ao prepará-los para irem à escola. Este assunto favoreceu ou permitiu que L2 continuasse a falar da escola, mas, desta feita, referindo-se primeiramente à resistência de seu filho à escola (segmento 16) e, depois, a outras questões relacionadas com seus dois filhos e a escola: “Horário escolar matutino dos filhos”, “Escolha da escola” e “Adaptação de sua filha à escola” (segmentos 17, 18 e 19).

Como se observa nos segmentos em questão (16, 17, 18, 19 e 21), L2 falou cerca de 84% do tempo, enquanto L1, apenas 16%, isto é, L2 falou 5,25 vezes mais do que o L1.¹³ E, ainda assim, na verdade, os 16% representam, apenas, monitorações a L2, seja mediante:

– pequenos comentários do tipo: “coitado cinco anos e já... colocado assim nessa alternativa não?” (linhas 354 e 356), “é mesmo né? é malandragem dele” (linha 367);

– aditamentos complementares ou colaborativos, como “agora talvez ele goste de ficar na cama até mais tarde...” (linha 363), “certo você teve que adaptar o horário deles ao seu” (linhas 371, 373), “suficiente (né) de repouso” (linha 380), “sem:: ()” (linhas 400, 402);

– perguntas de sugestão: “não seria conveniente mudá-lo de período escolar?” (linha 364) ou de esclarecimento: “ele se sente bem?” (linha 410);

– exclamações de acompanhamento: “ahn” (linha 348), “uhn” (linha 386).

Fato semelhante ocorre no tópico “Tendências profissionais dos filhos de L1”, onde é L1 quem desenvolve praticamente todo o tópico. Com efeito, L2 não contribui em nada com “informações novas”. Advirta-se, porém, que monitoramentos, embora não representem conteúdos significativos na densidade tópica, são, todavia, fundamentais para a progressão tópica e interacional. De acordo com Maynard (1980, p. 266), “a fala tópica é um fenômeno colaborativo em que, enquanto uma pessoa desenvolve enunciados tópicos, e outra produz perguntas, convites, continuadores, e assim por diante para manter a linha de fala corrente”.

Por outro lado, nos três primeiros tópicos subordinados a Família (“Tamanho da família”, “Papel da mulher casada” e “Relacionamento entre os filhos” — letras *a*, *b* e *c*); as duas locutoras, embora de maneira alternada, estão conjuntamente envolvidas e interessadas no desenvolvimento deles. Isto se comprova pelo tempo utilizado individualmente pelas locutoras, já mais contrabalanceado do que no tópico comentado antes: L1 = 40%, L2 = 60% e pelo tipo de participação de cada falante.

B — Profissão

O segundo supertópico — Profissão — desenvolve-se, num nível imediatamente inferior, através de sete tópicos, abaixo indicados:

- a) *Carreira de procurador;*
- b) *Carreira boas para a mulher dona de casa;*
- c) *Mercado de trabalho;*
- d) *Atividades profissionais do marido de L1;*
- e) *Vida profissional de L1;*
- f) *Tendências profissionais dos filhos de L1;*
- g) *Razões da escolha profissional das locutoras.*

Examinemos mais pormenorizadamente cada tópico arrolado:

a) Compreende cinco subtópicos (“Concurso para procurador” — segmentos 25, 26, 28, 29, 37; “A mulher procuradora” — segmentos 27, 30, 32, 33; “Requisitos para ser procurador geral do Estado” — segmento 34; “Funções dos procuradores” — segmento 35; “Situação profissional do marido L1 (Nélson) como procurador” — segmento 36). Há predominância da fala de L2; só em dois segmentos se alternam L1 e L2 (segmentos 33 e 34), sendo que no segmento 36 o desenvolvimento tópico cabe a L1. Entende-se o porquê da predo-

minância absoluta de L2, levando-se em consideração que ela é procuradora e por isso domina o tema.

O tópico “Número elevado de candidatos em concurso de procurador” (segmento 38) não foi incluído nesse conjunto por ter sido considerado como segmento de transição, pertencendo tanto ao tópico “Carreira de procurador” como ao tópico “Mercado de trabalho” (cf. Gráfico 2).

b) Compreende apenas o segmento 31 e é desenvolvido basicamente por L2.

c) Compreende três tópicos (“Cotação de algumas profissões”, “Dificuldades para encontrar profissionais” e “Agenciamento de pessoal”), com a seguinte configuração:

– nove segmentos ou porções com predomínio da fala de L2 (segmentos 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48) e uma unidade em que L1 e L2 se alternam (segmento 42). O segmento 40, na realidade, representa uma inserção no tópico “Cotação de algumas profissões” e um subtópico vinculado hierarquicamente ao tópico “Agenciamento de pessoal” (cf. Gráfico 2).

d) Como no caso da letra “b” acima, compreende um único segmento tópico (49 — “Atividades profissionais do marido de L1”) em que praticamente só L1 fala.

e) Abrange dois tópicos no nível inferior (segmentos 23, 50 e 51), registrando um predomínio da fala de L1, pois trata-se de seus projetos profissionais.

f) Trata-se de um dos tópicos de maior abrangência, pois subordina nove subtópicos (segmentos 52, 53 e 55, 56, 57, 58, 59, 60 e 62, 63, 64) e duas digressões linearmente consideradas (segmentos 54 e 61). No desenvolvimento tópico, constata-se o predomínio da fala de L1, o que se justifica pelo fato de o tópico tratar das tendências profissionais de seus filhos. Deve-se levar em conta que o segmento 52, na realidade, é um segmento característico de abertura de tópico, enquanto o segmento 64 o é de fechamento.

g) Este tópico acha-se, específica e detalhadamente, analisado em 5.4.3, sob o título “Descrição analítica do desenvolvimento de um tópico”, razão por que deixamos de fazê-lo aqui.

Em resumo, há o predomínio da fala de L2 em *a*, *b*, *c*, e parte de *g* e de L1 em *d*, *e*, *f*, e parte de *g*. Embora pareça haver um equilíbrio na distribuição das participações de L1 e L2, considerada a quantidade desses tópicos (*a*, *b*, *c*, *g* x *d*, *e*, *f*, *g*), deve-se ter em mente que a amplitude, abrangência e extensão temporal desses tópicos não é uniforme. Há, de um lado, tópicos que abrangem apenas um segmento, enquanto outros abrangem onze e, de outro lado, segmentos tópicos muito pouco desenvolvidos (como os de número 38, 39, 4 etc.), enquanto outros são muito desenvolvidos (como os de número 28, 56, 63 etc.).

Em termos de porcentagem, a participação de L2 foi da ordem de 60%, enquanto a de L1 foi de 40%.

Considerando o Inquérito todo, a participação de L2 é da ordem de 68%, enquanto a de L1 é de 32%. Portanto, *grosso modo*, L2 foi 2,12 vezes mais participativa.

5.4 Relação da segmentação linear com a organização hierárquica

A comparação construtiva dos dois gráficos (linear e vertical) permite muitas observações quanto à organização e desenvolvimento tópicos do texto sob exame.

Inicialmente fica claro que, embora a progressão tópica não corresponda a uma linearidade conversacional totalmente contínua, pois os assuntos fluem muitas vezes de maneira aparentemente desordenada, indo e vindo, sendo interrompidos e retomados etc. (conforme fazem crer as primeiras seqüências descontínuas do tema Família: 1, 5, 2, 3, 6, 8, 14, 15, 7, 9 etc.), a continuidade, no plano conversacional, é mais freqüente do que a descontinuidade. Nessa perspectiva, podem ser observadas algumas estruturas de organização tópica.

5.4.1 Alternância e paralelismo

No tópico “Tamanho da família”, os subtópicos “Planejamento familiar” e “Tamanho de suas famílias de origem” (segmentos 1 e 5, 2 e 4) são desenvolvidos em momentos descontínuos e alternados. Com efeito, quanto ao subtópico “Planejamento familiar”, este é desenvolvido primeiramente por L1 (segmento 1), depois por L2 (segmento 5). Entre esses dois momentos (segmentos 1 e 5), as locutoras se alternam no desenvolvimento do subtópico “Tamanho de suas famílias de origem” (segmentos 2 e 4). Entre esses segmentos 2 e 4, L1, provocada por uma pergunta de L2 — linhas 37, 38 — (pergunta esta que preenche um momento de hesitação de L1 — linha 36), desenvolve um assunto um pouco marginal, que é a questão da ausência de problemas com seus filhos adolescentes (segmento 3). Este assunto de problemas e trabalhos com os filhos é retomado, de certa forma, no segmento 6 e seguintes, embora numa outra direção, isto é, trabalho dado pelos filhos, mas agora em relação à preparação deles para irem à escola. Nestas condições, o assunto da conversa, que linearmente se desenvolve segundo a ordem apurada e descrita no Gráfico 1, na realidade se constrói vertical e hierarquicamente conforme outra ordem, de acordo com o observado e descrito no Gráfico 2. O que se interpreta, porém, no plano linear como um movimento tópico descontínuo pode receber interpretação diversa

no plano hierárquico, onde a seqüência tópica, considerados os níveis superiores, evolui de maneira contínua, salvo os casos extremos das chamadas digressões baseadas na interação (v. adiante).

Levando em conta a seguinte segmentação linear apurada:

- 1) *Planejamento familiar de L1;*
- 2) *Tamanho da família de origem de L1;*
- 3) *Tamanho da família de origem de L2;*
- 4) *Planejamento familiar de L2;*

o desenvolvimento desse tópico (“Tamanho da família”) apresenta uma estrutura ABBA, onde se constata que o tópico A é temporariamente abandonado ou substituído, sendo retomado no fim da estrutura. Por outro lado, esse tópico, assim configurado, denuncia a inserção de uma estrutura tópica paralela (BB).

Por outro lado, o desenvolvimento dos tópicos “Trabalho com os filhos” e “Acúmulo de atividade dentro e fora do lar”, considerada a seguinte seqüência linear:

- 5) *Trabalho de L2 com os filhos;*
- 6) *Acúmulo de atividades de L2 dentro e fora do lar;*
- 7) *Trabalho de L1 com os filhos;*
- 8) *Acúmulo de atividades de L1 dentro e fora do lar;*

configura-se como ABAB, revelando uma alternância tópica.

5.4.2 Digressões

Entre os fenômenos responsáveis por discontinuidades tópicas, observam-se as chamadas digressões de que o *corpus* possui algumas ocorrências, a saber:

- segmento 20: *Agradecimento de L2;*
segmento 23: *Natureza da atividade profissional de L1 fora do lar;*
segmento 27: *Facilidade de complementação em casa (por parte de L2) do trabalho de procuradora;*
segmento 40: *Funcionamento das agências de emprego;*
segmento 54: *Livro de profissões;*
segmento 61: *Preocupação de L1 com o horário de encerramento da entrevista;*
segmento 68: *Preocupação de L1 com o horário de encerramento da entrevista;*
segmento 71: *Negociação sobre o prosseguimento da conversa.*

Estas digressões podem ser agrupadas segundo alguns critérios: há “digressões baseadas na interação” e outras “baseadas no enunciado”; há digressões isoladas e outras que se conjugam a outros tópicos na constituição de um tópico recoberto por um supertópico comum. Quanto a sua classificação como ruptores da continuidade, deve-se esclarecer que apenas as digressões baseadas na interação podem ser tipicamente classificadas dessa maneira, nas perspectivas linear e vertical. As baseadas no enunciado, embora firam a linearidade, considerada no nível mais baixo (Gráfico 1), nos níveis superiores normalmente se integram de maneira contínua, perdendo, na verticalidade, o caráter digressivo.

O segmento 71, embora seja considerado caracteristicamente uma digressão, não constitui um tópico inserido, como é típico da digressão, de vez que se trata do tópico conversacional derradeiro.

Os segmentos 20, 61, 68 e 71 representam “digressões baseadas na interação”. Realmente, a digressão 20 corresponde a uma expressão de agradecimento, possivelmente pelo oferecimento de café, cigarro etc.; as digressões 61, 68 e 71 referem-se à preocupação de L1 com a duração da entrevista e com o horário previsto para ela buscar as crianças na escola. Porque se centram no mesmo assunto (“preocupação com o horário”), essas digressões acabam por constituir um verdadeiro tópico conversacional, embora de natureza diferente dos demais. Tais digressões, por serem baseadas sensivelmente na interação, são perfeitamente identificáveis e demarcáveis, embora nem sempre apresentem estruturas claras e definidas.

As digressões 23, 27, 40 e 54 são baseadas no enunciado. Assim, a digressão 23 insere-se no interior do tópico “Abandono da vida profissional de L1 por causa dos filhos”; a 27, no interior do tópico “Expectativa de novo concurso”; a 40 no interior do tópico “Cotação de algumas profissões” e a 54, no interior do tópico “Tendências vocacionais de uma das gêmeas”. São baseadas no enunciado porque, direta ou indiretamente, estão vinculadas a enunciados imediata ou remotamente anteriores, sendo, porém, prescindíveis para o prosseguimento do tópico em que se inserem. Assim, por exemplo, pode ser interpretada a digressão 27. Com efeito, no segmento 26, L2 estava falando sobre a expectativa de haver o mais breve possível um novo concurso, pois havia “muitíssimo trabalho” (linha 476, 477). A observação quanto à grande quantidade de trabalho propiciou a L2 esclarecer que podia complementar sua tarefa de procuradora em casa (“mas eu trago muito processo para casa e faço em casa...” — linhas 478, 479). Após referir-se rapidamente a essa possibilidade, L2 retoma claramente o tópico sobre a necessidade de novo concurso e a expectativa de que este ocorra logo (linhas 499, 500).

O início da digressão é marcado por um *mas* (linha 478) como verdadeiro operador de parênteses temático (Castilho, 1986, p. 33) e a retomada se dá por um outro *mas*, seguido de *realmente* (linha 499), que recupera o comentário anterior à digressão.

Por se ligarem a enunciados, tais digressões são de mais difícil classificação e identificação do que as digressões baseadas na interação, e deixam às vezes resquícios ou projetam alguns reflexos secundários em segmentos seguintes, razão por que no plano hierárquico podem não ser sentidas como digressões.

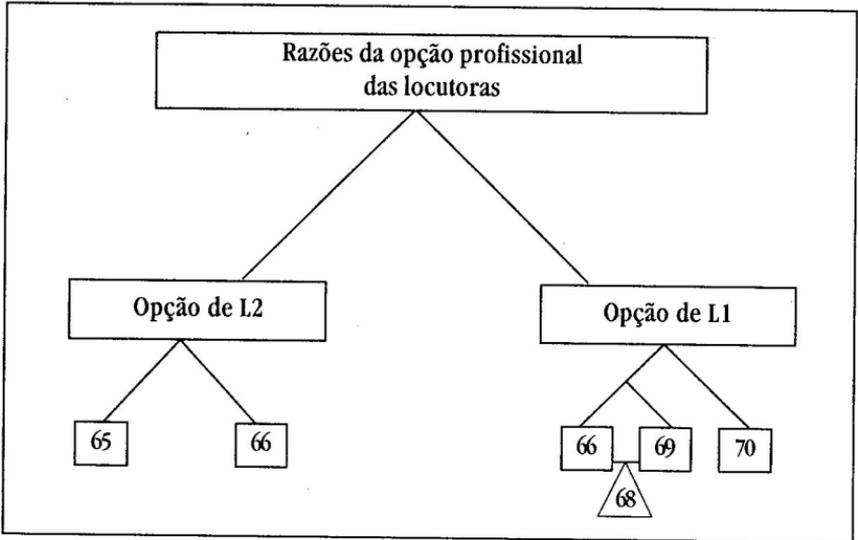
Algumas digressões acabam, porém, se engajando totalmente em tópicos mais distantes. É o caso dos segmentos 27, recém-analisado, e 40. Assim, o segmento 27, considerado digressão em relação ao tópico “Concurso para procurador” e, mais particularmente, em relação a “Expectativa de novo concurso”, prende-se ao tópico “A mulher procuradora”, uma vez que, embora esteja linearmente no interior do tópico “Expectativa de novo concurso”, trata tipicamente de uma situação concreta de L2 como procuradora, podendo emparelhar-se, e associar-se, portanto, nesse sentido, aos segmentos 30, 32 e 33 que compõem o tópico “A mulher procuradora”.

5.4.3 Descrição analítica do desenvolvimento de um tópico

Após descrevermos e analisarmos algumas ocorrências e fenômenos que delineiam estruturas e desenvolvimentos tópicos diversos, de variada configuração e complexidade, vamos nos circunscrever a uma análise mais sistemática de um quadro-tópico. Trata-se do conjunto subordinado ao tópico mais abrangente “Razões da opção profissional das locutoras”. Esse supertópico compreende os segmentos tópicos 65, 66 (opção de L2) e 70 (opção de L1), e os segmentos de tópicos 67, 69, conforme o Quadro 2.

O enfoque anterior girava em torno das “Tendências profissionais dos filhos de L1” (segmentos 52 a 64). Este tópico esgotava-se no segmento 64, no qual L1 faz um “Comentário generalizante sobre as diferenças entre os filhos”. O início de tal comentário é formalmente marcado com a palavra *enfim* (linha 1503). O esgotamento tópico é revelado não só pelo conteúdo, mas também pelos alongamentos, pausas curtas e, principalmente, longas (linha 1509, depois de *mesmo*, com 3”) e silêncio (linha 1510, depois de *né?*, com 2,5”). É verdade que L1, após entregar o turno (com o *né?* e pausa) sem êxito imediato, tentou uma retomada (*e assim*), também sem êxito por causa do assalto ao turno por parte da documentadora através da pergunta das linhas 1511 e 1512 (*e quando vocês quiseram... escolher uma carreira... o que as levou escolher a carreira?*).

Quadro 2



O segmento tópico sob análise (“Razões da opção profissional das locutoras”) começa então justamente com a pergunta direta da doc. (linhas 1511, 1512), dirigida às duas informantes ao mesmo tempo. A forma da pergunta (começando com *e*) revela não só sua vinculação com o tópico anterior, mas também sua origem nele. Realmente, das “Tendências profissionais dos filhos de L1” (tópico anterior) passa-se, por associação de idéias, às “Razões da opção profissional das locutoras” (tópico sob análise). Nesse sentido, pode-se dizer que, embora haja uma mudança do tópico em curso, não houve um corte ou quebra, caracterizando-se, portanto, uma continuidade e progressão tópica natural (de acordo com a perspectiva da linearidade).

Dirigida às duas informantes ao mesmo tempo, a pergunta vale como introdução ou abertura ao segmento tópico todo, considerado como as “Razões da opção profissional das locutoras”, e não apenas ao subtópico “Opção de L2”. A pergunta assim feita abre, pois, a perspectiva de um desenvolvimento tópico bifurcado, o que realmente acontece: primeiro, “Opção de L2”; depois, “Opção de L1”.

Quem toma a iniciativa de desenvolver primeiramente o tópico proposto é L2, cujo depoimento compreende duas partes: a primeira, em que revela a “Influência do pai”, apesar da meta dela ser o Itamarati (segmento 65) e a segunda, em que aponta as “Circunstâncias adversas a sua opção por diplomacia” (segmento 66).

A primeira parte abre e fecha com o mesmo conteúdo proposicional opinativo. Assim, abre-se com: “a minha eu acho... eu não tenho certeza para julgar mas eu acho que foi incutida... meu pai...” (linhas 1513, 1514) e fecha-se com: “e então: eu acho que foi incutida por ele” (linhas 1547, 1548). O início e o fecho são, pois, marcados: o início, pela topicalização que põe em destaque o tópico discursivo (além da função interacional de marcar a tomada de turno); o fecho, pelo conteúdo retomado e pelo *então*, que ao mesmo tempo introduz uma paráfrase e uma conclusão.

A segunda parte abre-se com um comentário de transição (linha 1550). Com efeito, L2, ao dizer, hesitantemente, “e: se não e não fiz o *resto* por minha causa... aí... foi...” (linhas 1548, 1549), demonstra tentar uma explicação para seu insucesso em relação à diplomacia (*resto* = diplomacia), no que foi estimulada a prosseguir pela fala colaborativa de L1 (linha 1550: “foram as circunstâncias que não favorecem...”).

O fecho desse segmento tópico é marcado pela repetição do enunciado “e a gente acaba desistindo” (linha 1560, 1561), de conteúdo conclusivo, além de ser proferido com entonação ou conclusa ou reticente.

Após concluir suas razões pessoais quanto à opção profissional, L2 toma a iniciativa de provocar diretamente L1 com pergunta semelhante à que foi feita pela doc.: “e você por que você fez?” (linha 1561).

Em respostas, L1 desenvolve todas as suas razões, de um só fôlego, num verdadeiro monólogo, que não recebe nem mesmo uma monitoração verbal por parte de L2. Talvez o fato dessa estrutura monológica se deva à preocupação de L1 com o horário. Com efeito, logo no início, ela demonstra isso verbalmente (“— meu relógio está atrapalhando a nossa —”; linha 1565, segmento digressivo 68, já comentado), como, aliás, já havia demonstrado minutos antes no segmento digressivo 61. Ademais, na seqüência, deve ter continuado a demonstrar tal preocupação fisionomicamente, pois a doc., antes mesmo que L1 terminasse seu enunciado final, perguntou, provocando até sobreposição de vozes: “a senhora está com horário?” (linhas 1599, 1600).

À semelhança da fala e razões de L2, o assunto da opção profissional de L1 também se subdivide em duas partes: a opção por uma carreira profissionalizante — um colegial profissionalizante (segmentos 67 e 69) e o curso de pedagogia. Esses dois segmentos de tópico se ligam também por um enunciado de transição em que aparecem referentes de ambos os segmentos contíguos: o *Normal* do anterior, *pedagogia* do posterior (“e: ao terminar o *Normal* eu logo optei pela *Pedagogia*” — linhas 1574, 1575).

O tópico, com as razões de L1, esgota-se claramente com um fecho conclusivo, sobreposto por uma pergunta completamente digressiva de doc. (linha

1600: “a senhora está com horário?”). O comentário começa por *então* (“então... aí está o motivo pelo qual... eu escolhi esse curso”— linhas 1598, 1599) e repisa o referente *curso* de abertura.

Como se observa, o desenvolvimento do tópico “Razões da opção profissional das locutoras” se faz por uma bifurcação tópica, a partir e em virtude da pergunta da doc. (linhas 1511, 1512), retomada pela pergunta de L2 (linha 1561), envolvendo as duas locutoras e suas situações pessoais. Cada uma, sucessiva e individualmente, desenvolve as unidades tópicas que lhe cabem na proposta de abertura.

A descrição e análise desse QT ilustra um tipo de desenvolvimento tópico. O *corpus* todo enseja vários tipos de organização, prevalecendo, porém, desenvolvimentos alternados e tópicos paralelos, em razão do próprio tipo de inquérito, mais ou menos planejado em termos de temas pessoais e distribuição participativa das informantes.

5.5 Estrutura interna dos segmentos tópicos

Os estudos realizados sobre a conversação mostram que ela é uma entidade altamente estruturada e formalmente analisável. Até aqui, observamos, no *corpus* tomado para análise, como ela se organiza linear e verticalmente, em termos de estruturação tópica. Cabe observar agora que, considerada a segmentação depreendida na cadeia linear mais baixa da organização tópica, os segmentos tópicos, tomados individualmente, deixam transparecer uma estruturação interna, através de marcas constatadas no início, meio e fim dos segmentos, conforme está largamente registrado na fichas anexas.

Para comprovação do que se assevera, observamos os segmentos detectados no *corpus*, de acordo com o Gráfico 1 e fichas correspondentes.

A observação das análises registradas nessas fichas autoriza o levantamento dos seguintes mecanismos de começo, meio e fim dos segmentos tópicos. A indicação das ocorrências é ilustrativa, tendo sido feita, em alguns casos, de maneira mais exaustiva do que em outros.

Início:

- perguntas introdutórias (segmentos 1, 2, 3, 7, 12, 14, 17, 22, 25, 29, 31, 35, 43, 49, 50, 52, 65, 67, 71);
- mudança de referência e de enfoque (segmentos 6, 7, 8, 9, 13, 16, 19, 23, 33, 34, 35, 36, 37, 42, 44, 46, 47, 54, 56, 57, 58, 59, 63);

- troca de turno (e de locutora) (além normalmente dos casos em que ocorrem perguntas) (segmentos 4, 8, 10, 11, 23, 26 etc.);
- assalto ao turno (segmento 12);
- deslocamento à esquerda (segmento 36, 56, 63);
- topicalização (segmentos 11, 35, 53, 64);
- modulação de voz (segmentos 6, 8 etc.);
- marcadores como *realmente*, *depois*, *agora*, precedidos ou não de *e*, *mas* (segmentos 4, 9, 11, 18, 19, 24, 26, 28, 30, 45, 56, 57, 58, 62, 63).

Fim:

- enunciados conclusivos, parafrásticos, resumitivos, de caráter crítico, explicativo, ponderativo etc., precedidos ou não de *enfim* e *então* (segmentos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 24, 25, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 35, 38, 41, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 53, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 64, 65, 66, 69, 70);
- entonação conclusiva (segmentos 3, 4, 5, 6, 7, 10, 13, 14, 16, 17, 18, 42, 51, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 62, 64, 71);
- silêncio/pausa (segmentos 1, 2, 6, 11, 16, 23, 24, 25, 26, 32, 38, 41, 43, 55, 57, 63, 64);
- frase feita, ditado popular (segmentos 3, 7, 29);
- marcadores *não é/né*, *sabe* (segmentos 1, 8, 9, 30, 34, 44, 56, 64);
- perda de turno (segmento 11);
- risos (segmentos 37, 60);
- hesitações (segmentos 11, 23, 43, 47, 55, 56);
- repetições (segmentos 13, 15, 42, 46, 48, 50, 51).

Com base nesse arrolamento, verifica-se que os segmentos tópicos são introduzidos normalmente por perguntas (18 vezes; 25%) ou por mudança de referência ou enfoque (23 vezes; 32%). No primeiro caso, o normal é ocorrerem, simultaneamente, troca de turno e locutora; no segundo, isso pode ocorrer, mas não acontece com igual frequência.

O fechamento tópico, por sua vez, se dá normalmente com um enunciado conclusivo, de caráter avaliativo, ponderativo etc. (45 vezes: 63%), sendo iniciado com frequência por *enfim* ou *então*. Por outro lado, a grande maioria é marcada prosodicamente por entonação conclusiva, normalmente descendente. Apenas os enunciados finalizados com *não é/né* e *sabe* apresentam, evidentemente, na pronúncia desse marcador, entonação ascendente.

Meio:

Quanto à parte nuclear dos segmentos tópicos, relativa normalmente ao desenvolvimento tópico, esta compreende basicamente a seleção de lexemas pertinentes a um mesmo campo conceitual. As vinculações que inter-relacionam os enunciados constituintes do segmento tópico apresentam-se marcadas lingüisticamente por lexemas que se relacionam por *sinonímia*, por oposição ou por algum tipo de associação. Observe-se, por exemplo, o segmento nº 7 (“Acúmulo de atividades de L2 dentro e fora do lar”). Para precisar a expressão dos conceitos atinentes à vida corrida que leva, a locutora tece o campo léxico-semântico, associando aos lexemas “tudo correndo” outros, de traços similares, como “falando sempre depressa”, “corre depressa”, “troca de roupa correndo”, “faz isso faz (não sei que tá tá)” ou opositores, encabeçados por uma negação, contribuindo, portanto, da mesma forma que os lexemas de traço confirmador, para melhor delineamento da noção pretendida: “não é assim aquela pessoa assim admirável aquelas pessoas calmas”, “que dificilmente perdem o controle”, “falam pausamente”, “não têm aquele rosto suado”.

Outras ocorrências podem ser verificadas nas fichas do Anexo 1, na coluna Texto, em que os lexemas sublinhados pertencem ao mesmo campo conceitual.

Além das marcas léxico-semânticas, a interdependência entre os enunciados, que os caracteriza como partes integrantes do mesmo tópico, vem marcada, sobretudo no desenvolvimento, por mecanismos de junção, articuladores e/ou marcadores conversacionais, que estabelecem relações de vários tipos:

- conjunção *e*, *nem* (segmentos 1, 2, 48, 65, 70 etc.);
- contrajunção: *mas* (segmentos 1, 3, 8, 14, 15, 70 etc.); *embora* (segmentos 23, 64, 65 etc.)
- explicação: *porque* (segmentos 1, 4, 6, 14, 15, 65 etc.); *aliás* (segmento 15);
- exemplificação: *por exemplo* (segmento 13);
- implicação: *se... então* (segmentos 16, 18 etc.);
- associação: “eu vejo pelos meus” (segmento 13);
- reformulação: *quer dizer* (segmentos 15, 41, 46, 47, 51 etc.);
- seqüência temporal: (*e*) *depois* (segmentos 9, 65 etc.); *então* (segmentos 46, 48, 50 etc.); (*e*) *daí* (segmentos 37, 69 etc.); (*e*) *aí* (segmentos 46, 66 etc.)

Ademais, cabe ainda considerar que, em correspondência direta às perguntas introdutórias de segmentos tópicos, o desenvolvimento se processa nor-

malmente por meio de respostas, entremeadas freqüentemente de monitorações de apoio ao desenvolvimento tópico, como acontece, por exemplo, nos segmentos 1, 2, 3, 12 etc.

Como se pode notar, estas marcas ocorrem com freqüência não só na mesma posição, mas também em posições diferentes no mesmo tópico, revelando, neste caso, que não são exclusivas de determinada posição e/ou função.

O levantamento e análise realizados aqui servem de introdução para um estudo mais completo e profundo desses mecanismos a ser realizado em etapas posteriores.

6. *Conclusões*

As análises realizadas neste trabalho buscaram visualizar a configuração interna de um texto oral dialogado na perspectiva discursiva. Adotou-se como fio condutor a categoria de tópico discursivo como noção teórica. Entre os resultados, conta-se a identificação de padrões recorrentes e formalizáveis como indicadores da estruturação textual. Estes padrões são tanto de natureza discursiva como lingüística, o que revela a estreita relação dos dois níveis.

Com isto, tem-se um critério a mais para afirmar com segurança que o texto conversacional não é um simples enfileiramento aleatório de enunciados produzidos por dois falantes. Também se chega à conclusão de que a conversação, embora desenvolva uma enormidade de pequenos assuntos aparentemente sem concatenação, é ordenada cognitivamente, mesmo sem planejamento prévio. As análises feitas mostraram que esta estruturação tem um padrão próprio que, em estudos futuros, deverá ser definido com maior precisão.

Isto significa que uma das diferenças básicas entre a escrita e a fala não está especificamente no traço planejado/não planejado, e sim nas estratégias específicas do planejamento. O ordenamento linear e hierárquico na fala obedece a critérios de relevância imediata e demonstra uma maior sensibilidade pontual. Em conseqüência, pode-se falar numa organização por processos de associação (tópicos puxam tópicos) e processos de compreensão imediatos (os falantes interagem na medida em que vão se entendendo).

É importante recordar aqui que a unidade escolhida para os procedimentos metodológicos de segmentação e análise não foi o turno e sim o tópico. Isso porque nem todos os turnos formam unidades autônomas e completas. Por vezes, um turno é desenvolvido em várias etapas pelo mesmo falante com a interpolação do interlocutor. A noção de tópico tem a vantagem de superar a questão da segmentação com mais facilidade e não precisa eliminar de todo a noção de turno como

heuristicamente interessante. O tópico é, como vimos, um elemento decisivo na construção do texto oral, podendo a estruturação tópica servir de fio condutor para se chegar à sua organização discursiva.

Notável é que as interações levam a construções colaborativas em dois sentidos: (a) na estruturação do material lingüístico com enunciados produzidos por dois falantes e (b) na estruturação dos tópicos em que cada qual vai acrescentando algo novo. Quando existem digressões, quebras, cortes (descontinuidades), estes são resolvidos com indicadores padronizados e com recursos cujas regras deverão, em trabalhos futuros, ser desenhadas com maior clareza.

O aspecto acima realizado continua sendo um dos pontos problemáticos da análise aqui desenvolvida. Ainda não se conseguiu chegar a uma formalização satisfatória dos padrões ou da canonicidade da organização tópica em termos de regras, pois aqui se lida com noções cujos indicadores nem sempre oferecem evidências empíricas. As evidências empíricas são, em muitos casos, rarefeitas, mas já podem deixar claro que existem pelo menos três etapas no desenvolvimento de um tópico, muito comumente marcadas por uma série de recursos recorrentes:

- a) uma abertura;
- b) um meio;
- c) uma saída.

Foi por essa razão que certas categorias gramaticais puderam, sem maiores dificuldades, ser assimiladas nessas análises: noções como coordenação, subordinação, adjacência, continuidade, descontinuidade etc. É possível levantar a tese de que a descrição gramatical dos fenômenos de um texto oral é apenas uma das descrições possíveis e não a única ou a mais relevante. Isto significa que, sob o ponto de vista de sua organização, um texto, seja ele oral ou escrito, está submetido a vários sistemas de estruturação. É na relação dessas várias perspectivas organizacionais que se poderá ver com maior clareza o que se pode atribuir ao sistema da língua ou ao uso desse sistema em situações concretas. Talvez a interação das duas perspectivas analíticas resulte numa visão mais clara da complexidade do texto oral.

Comprova-se, assim, a hipótese central deste trabalho — de que o texto oral é organizado. A detecção dos dois planos de organização tópica — o seqüencial e o hierárquico — permitiu verificar que a fragmentariedade, a descontinuidade que tem sido atribuída ao texto oral ocorre, basicamente, no plano linear. No plano vertical, a aparente incoerência se desfaz na medida em

que, nele, muito do que se interpreta como descontínuo no plano seqüencial não vai merecer tal interpretação: a seqüência tópica, no plano vertical, evolui de maneira contínua, salvo nos raros casos de digressões baseadas na interação, visto que as digressões relativas ao enunciado, apesar de ferirem a linearidade, acabam por se integrar, nos níveis hierárquicos superiores, de forma contínua, perdendo, destarte, o caráter digressivo.

Portanto, torna-se possível afirmar — ao contrário do que comumente se pensa — que o texto oral é altamente coerente, embora sua coerência se manifeste de modo diferente daquela do texto escrito.

Constituía, também, objetivo deste trabalho a montagem de um conjunto de categorias para analisar uma conversação em suas propriedades interativo-textuais. Isto foi conseguido na medida em que se chegou a mostrar, nas análises de detalhe, como operam essas categorias e qual sua produtividade em termos de segmentar o texto com um único critério central. É evidente que muitas dificuldades ficaram por ser solucionadas e estes serão os próximos passos, quando se tentará desenvolver uma relação mais específica dessa categoria com outras.

Um dos desafios que ainda restam para os próximos passos será o de montar um conjunto de regras que explicitem certas estratégias de seqüenciação com base em critérios interativos. Certamente não serão regras tais como as da gramática da sentença, nem chegarão a constituir uma gramática propriamente dita, mas poderão ser de muita utilidade no próprio ensino da língua, quando se explicitar quais os passos que se podem seguir para melhor compreender e explicar fenômenos lingüísticos em contextos de uso.

Finalmente, convém lembrar que o texto aqui analisado, embora represente um tipo que não pode ser tido como espontâneo no sentido estrito do termo, já apresenta a maioria das características dos espontâneos. Isto sugere que as conclusões a que se chegou aqui são de algum modo generalizáveis para outros textos, além dos do tipo estudado. Neste caso inclui-se, também o texto, oral monologado e, de certo modo, os textos escritos, já que, no essencial, eles não trazem muita novidade em termos de estruturação tópica. Apenas seguem outros padrões que devem ser identificados como próprios dessa modalidade de uso da língua.

NOTAS

- ¹ Os temas pré-definidos para o inquérito eram os de tempo cronológico, profissões e ofícios. Ambas as locutoras são casadas, paulistanas, filhas de pais paulistas, sendo uma (L1) de 37 anos, pedagoga, e outra (L2) de 36, advogada. A duração da gravação é de 66 minutos e sua data de registro, 23/8/76.
- ² Cf., a título de exemplificação, nas fichas em anexo, o segmento 65, centrado no tópico “Influência do pai na opção profissional de L2 por advocacia”. Nele, as posições aparecem integrando um conjunto de referências associadas à interferência do pai (concernência), que se destacam em relação a dados secundários aí ocorrentes e em relação a outros conjuntos proeminentes circunvizinhos (relevância), no momento da conversa transcrito entre as linhas 1511 e 1548 (pontualização).
- ³ Cf. Gráfico 2, em que se observa, por exemplo, um QT formado pelo ST Família e os seus quatro SbTs co-constituintes: “Tamanho da família”, “Papel da mulher casada”, “Relacionamento entre os filhos”, “Os filhos e a escola”. Cada um desses tópicos co-constituintes de Família, por sua vez, forma QTs hierarquicamente inferiores. Por exemplo, “Relacionamento entre os filhos”, que é um dos SbTs de família, torna-se um supertópico na sua relação com os seus SbTs (“Papel de supervisora da filha de L1” e “Cumplicidade entre os filhos de L2”), formando com eles um novo quadro tópico. Verifica-se que o tópico “Papel de supervisora da filha de L1” comporta subdivisões ainda menores, constituindo, consequentemente, um QT de nível ainda inferior na organização tópica hierárquica.
- ⁴ A noção de continuidade, aqui expressa, envolvendo a situação de mudança tópica, não corresponde precisamente à postulada por Keenan e Schieffelin (1976), que consideram a introdução de um novo tópico sempre como manifestação de discurso descontinuo. A nosso ver, a mudança de tópico pode ser fator de continuidade ou de descontinuidade, dependendo da configuração que ela assume na realização discursiva.
- ⁵ Cf. Gráfico 1, representativo da distribuição linear das unidades tópicas mínimas, com exceção dos casos em que segmentos não contíguos têm o mesmo título, por constituírem um único tópico, cindido no seu desenvolvimento. Tais casos configuram pontos de descontinuidade, como veremos, posteriormente.
- ⁶ Cf. Gráfico 1, por exemplo, o segmento 20, que se insere no desenvolvimento do tópico, cindindo-o em duas porções. Para efeitos de visualização, remetemos ao Gráfico 2, onde as inserções aparecem representadas por D.

- ⁷ Cf. Gráfico 1, tópicos "Tendências vocacionais de Laura" (segmentos 58 e 60) e "Tendências vocacionais de Estela" (segmentos 59 e 62), que se parcelam na linearidade discursiva, e cujas porções se sucedem descontinuamente, segundo o esquema de revezamento ABAB.
- ⁸ A numeração dos níveis será sempre do mais baixo para o mais alto. No Gráfico 2, temos cinco níveis para o SP-360.
- ⁹ Marcelo Dascal e T. Katriel (1982, p. 82) propõem a existência de três tipos de digressões: *digressões baseadas no enunciado*, caracterizadas pelo fato de existir algum tipo de relação "conteudística" entre o enunciado principal em curso e o enunciado digressivo; *digressões baseadas na interação*, em que tal relação não ocorre; e *sequências inseridas*; constituídas por uma grande variedade de atos de fala corretivos e classificadores.
- ¹⁰ Douglas Maynard (1980, p. 271) propõe essa denominação para o que ele chama de "alteração de tópico" em oposição à "mudança de tópico", num contexto diferente daquele em que aqui inserimos o fenômeno.
- ¹¹ *Segmento tópico*: "conjunto" de produção lingüística recoberto por um tópico. Ex.: todos os segmentos do Gráfico 1 do Anexo, exceto 19 e 21, 22 e 24, 26 e 28, 39 e 41, 53 e 55, 58 e 60, 59 e 62, 67 e 69.
- Segmento de tópico*: "conjunto" de produção lingüística que representa apenas parte do desenvolvimento de um tópico. Ex.: os segmentos do Gráfico 1 enumerados anteriormente como não sendo exemplos de segmento tópico, bem como todos os segmentos que, em conjunto, se subordinam a um tópico superordenado que representa o ST (cf. Gráfico 2 no Anexo).
- ¹² Como o *corpus* utilizado é constituído de materiais orais transcritos deve-se levar em conta, para efeito de descrição e análise, essa redução do oral ao escrito.
- ¹³ As porcentagens foram apuradas levando-se em consideração a contagem do número de linhas correspondentes às falas de cada locutora.

ANEXO II

SEGMENTO Nº 1		TÍTULO: Planejamento familiar de L1		
LINHAS: 2-19				
TEXTO		ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES	
1	L1 <i>Doc.</i> L2	... (uma) de no.:ve... e a outra de seis... (3") a senhora... procurou <i>dar espaço de tempo</i> entre um e Outro... aconteceram ou foram	A – 2-6: P elíptica da doc. remotada parafrás- ticamente por L2 (linhas 4 e 6) e ratificada pelo doc. (linha 7). B – 8-17: R de L1 entremeadas de P comentários de L2. C – 18-19: comentário conclusivo exclamativo de L2 com sobreposição e pausa de L1. (v. obs.: 19)	(1) – Análise prejudicada já que falta contexto anterior, mas certamente refere-se a <i>filhos</i> . (19) – com a hesitação de L1 (pausa de 1,5" + entonação ascen- dente não conclusa no <i>então</i>), ela perdeu o turno e o tópico ficou interrompido.
5	<i>Doc.</i> L2 <i>Doc.</i> L1	[aconte/ <i>programados</i> (isso)... faz favor () [a p/a p/é... a programação... havia sido <i>planejada</i> ...mas não deu certo... ((risos)) <i>filhos da pítula</i> não? ((risos)) não... ((risos)) nem <i>da tabela</i> ? ((risos))	Referenciais sublinhados no próprio texto	
10	L2 L1 L2			

SEGMENTO Nº 1 LINHAS: 2-19	TÍTULO: Planejamento familiar de L1 (continuação da página anterior)	
TEXTO	ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES
<p>L1 não justamente porque a <i>tabela</i> <i>não::não deu certo</i> é que:: ((risos)) vieram ao acaso</p> <p>15 L2 ahn ahn</p> <p>L1 e:: nós havíamos <i>programado Nove</i> <i>ou dez filhos...</i> não ê? </p> <p>L2 (nossa que chique) </p> <p>L1 então... ↗ (1,5")</p>		

SEGMENTO Nº 2		TÍTULO: Tamanho da família de origem L1	
LINHAS: 20-36			
TEXTO		ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES
20	L2 a sua família é grande? L1 nós somos: seis filhos L2 e a do marido? L1 e a do marido...eram doze agora são ouze... L2 ahn ahn 25 L1 quer dizer somos de famílias GRANDES e:... então ach/acho que:... dado esse fator nos acostumamos a: muita gente L2 ahn ahn L1 e:.. 30 L2 e daí o entusiasmo para <i>Nove filhos...</i> L1 exatamente <i>nove ou dez...</i> L2 () L1 é e: mas... depois diante das dificuldades de conseguir quem me ajudasse... nó::s paramos no <i>sexto filho...</i>	A - 20 e 22: P introdutória específica de L2, realizada em dois turnos por estar intercalada por uma R parcial de L1 na linha 21. B - 21 e 23-36 (até não é?): R de L1 C - 36 (a partir de e... estamos): comentário conclusivo (*) de L1, precedido e sucedido de hesitação representada por pausas preenchidas (...e..., e...) mais sílencio de 3". Referenciais sublinhados no próprio texto (*) v. observações	(30-36) - Na realidade, em 29, L1 hesita (e:) e dá chance para L2 tomar o turno, retomando (linha 30) o tópico do "Planejamento familiar" (cf. linha 16). O comentário conclusivo da linha 36 refere-se, na verdade, não ao "tamanho da família de L1", mas sim à quantidade de filhos do casal.

SEGMENTO Nº 2			TÍTULO: Tamanho da família de origem L1		
LINHAS: 20-36			<i>(continuação da página anterior)</i>		
TEXTO		ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES		
30	L2	ahn ahn			
	L1	não é?... e... estamos muito contentes e...			

SEGMENTO Nº 3		TÍTULO: Ausência de problemas com os filhos adolescentes de L1	
LINHAS: 37-62			
TEXTO		ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES
37	L2 e dão <i> muito trabalho</i> tem <i>esses problemas</i> de juventude <i>esses negócios</i> () (<i>não está</i> muito na idade <i>né?</i>) [A – 37-39: P específica de L2, após um momento de hesitação de L1 (linha 36, segmento 2) ancorada talvez em <i>dificuldades</i> (linha 33) – implicabilidade conversacional.	(*) a partir de 55 (a partir de <i>então</i>) poder-se-ia considerar como parte C, pois “ <i>então ... esperamos que não::baja maiores problemas com o avançar dos anos</i> ” (com entonação conclusa) encerra localmente o assunto. Entretanto, em termos puramente de “saída final” da estrutura tópica, preferimos a generalização da <i>paráfrase</i> contida a partir de <i>enfim</i> .
40	L1 não por enquanto não porque... estão entrando na as mais velhas estão entrando agora na adolescência e... [()	B – 40-58 (até <i>anos</i>): R de L1 bastante monitorada. C – 58 (a partir de <i>enfim</i>) – 62: comentário conclusivo de L1, parafrazando o ditado popular “o futuro a Deus pertence”, precedido de entonação descendente e do marcador de conclusão <i>enfim</i> (*)	
45	L1 mas <i>são muito acomodadas</i> ... ainda não começaram assim... aquela fase... chamada de... mais difícil de crítica [Referenciais sublinhados no próprio texto	
L2	(chamada mais difícil)		
L1	né?		
L2	ahm ahm		
L1	ainda não... felizmente (ainda não) começaram		
50	L2 ()		

SEGMENTO Nº 3 TÍTULO: Ausência de problemas com os filhos adolescentes de L1		
LINHAS: 37-62 (continuação da página anterior)		
TEXTO	ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES
L1 agora... eu acho que:... eu... <i>espero</i> <i>não:: ter problema</i> com elas porque... nós mantemos assim um diálogo bem aberto sabe? L2 uhn uhn 55 L1 com as crianças... então... esperamos que não:: <i>haja maiores problemas</i> L2 ahn ahn L1 com o avançar dos anos... enfim... o futuro ┌ L2 () 60 L1 pertence... L2 ah L1 a Deus e não...a nós → ┌		

SEGMENTO Nº 4		TÍTULO: Tamanho da família de origem de L2	
LINHAS: 63-75 (até <i>parar</i>)			
TEXTO		ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES
63	L2 [() realmente deve ser uma delícia ter uma <i>família gran/ bem grande com bastante gente...</i> eu sou filha única... ah tenho um <i>irmão</i> de treze anos... mas gostaria de MAIS de ter tido... <i>mais irmãos</i> ... porque quando::... com meu irmão eu já:: já tinha curso universitário já já tinha saído da faculdade quer dizer então não tem quase que vantagem nenhuma não é?... eu queria então uma <i>família grande</i> tínhamos pensa:::do... numa <i>família</i> <i>mator</i> mas depois do segundo... já deve estar todo mundo tão desesperado que nós ((risos)) estamos pensando... [L1 ()	A - 63-64: (até <i>gente</i>): comentário de L2 tendo como pressuposto a família de L1; marcador <i>realmente</i> que retoma a linha 25; troca de turno e locutor B - 64 (a partir de <i>eu</i>) - 71 (até <i>mator</i>) C - 71 (a partir de <i>mas</i>) - 75: marcador <i>mas</i> ; entonação conclusa em <i>parar</i> . Referenciais sublinhados no próprio texto	
70			
75	L2 é (pensamos) seriamente em parar.. ↘		

SEGMENTO Nº 5		
TÍTULO: Planejamento familiar de L2		
LINHAS: 75 (a partir de <i>depois</i>) - 92 (até <i>filhos</i>)		
TEXTO	ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES
<p>75 L2 depois disso ainda <i>ti/tive problemas de...saúde problemas de tireóide</i> não sei <i>quê</i>:: então o médico está aconselhando a não ter mais... então nós estamos pensando... estamos pensando não <i>ofic/</i>oficialmente não está encerrado... mas de fato está porque:.... <i>o endocrinologista proibiu terminantemente que eu tenha mais filhos...</i></p> <p>└</p> <p>L1 ()</p> <p>L2 inclusive... se eu tiver... ele disse que vai ser necessário... um <i>aborto</i>... então estamos naquele negócio eh... como fazer:.... se faço operação:: se o marido <i>fa::z</i> mas ele acha que:.... de jeito nenhum:: ((risos))</p> <p>L1 precisa convencê-lo não é?</p> <p>└</p> <p>L2 é precisa realmente</p>	<p>A - 75-77: (até <i>não sei quê</i>::): informação nova de L2: marcador de expansão de tópico (<i>depois disso</i> - cf. Castilho, 1986); reforçado pelo <i>ainda</i>; desvio de enfoque de "nós" para "eu".</p> <p>B - 77-91 (até <i>assunto</i>):</p> <p>C - 91 (a partir de <i>mas realmente</i>); entonação conclusa.</p> <p>Referenciais sublinhados no próprio texto</p>	

SEGMENTO Nº 5 TÍTULO: Planejamento familiar de L2

LINHAS: 75 (a partir de *depois*) - 92 (até *filhos*)

(continuação da página anterior)

TEXTO

estar convencido disso e ele é uma
coisa que não vai ser fácil convencer
então
desistimos... eu pelo menos desisti
não se toca mais no assunto... mas
realmente então está encerrado mas
gostaríamos demais de mais filhos... ↗

ANÁLISE ESTRUTURAL

OBSERVAÇÕES

SEGMENTO N ^o 6		
TÍTULO: Trabalho de L2 com os filhos		
LINHAS: 92 (a partir de <i>embora</i>) - 113 (até <i>agora</i>)		
TEXTO	ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES
<p>92 L2 ... embora eu fique <i>quase biruta</i>. (risos) porque é MUITO a gente vive de motorista o dia INTEIRO <i>mas o dia INTEIRO...</i></p> <p><i>uma</i></p> <p>95 <i>corrida Bárbara</i> e leva na <i>escola</i> () e vai buscar... os dois estão na <i>escola</i> de manhã – porque eu trabalho de manhã –... então eu os levo para a <i>escola</i>... e vou trabalhar... depois saio na hora de buscá-los... aí depois tem natação segunda quarta e sexta... os dois... das duas.</p> <p>100 às três... tem que... saio meio-dia da <i>escola</i> (então) tem que <i>vir correndo</i>... <i>almoçar depressa</i> para dar tempo de digestão par poder entrar na <i>escola</i> às duas horas... depois eh:: terça e quinta... a menina faz fonologia porque ela está com três anos e pouco... e ainda não</p>	<p>A – 92-93 (até <i>biruta</i>): modulação de voz sugerindo início frasal, apesar do <i>embora</i>, que parece participar de uma estrutura <i>double bind</i>; desvio de “nós” para “eu”.</p> <p>B – 93 (a partir de <i>porque</i>) – 112 (até <i>anos</i>): parece monólogo: pouca participação de L1.</p> <p>C – 112-113: entonação conclusa; pausa (*)</p> <p>Referenciais sublinhados no próprio texto</p>	<p>– Em 104-108, há possivelmente uma “digressão baseada no enunciado” (cf. Dascal e Katricl, 1982): explicação por que a menina <i>faz exercícios com a fonaudióloga</i>. P de L1 e R de L2, muito localizadas sem desdobramentos. Trata-se de uma seqüência inserida, representada pelo par adjacente P-R.</p> <p>(*) Na realidade, não há parte C, no sentido de “conclusão”, mas sim apenas em termos de fim de seqüência.</p>

SEGMENTO N° 6		
TÍTULO: Trabalho de L2 com os filhos		
LINHAS: 92 (a partir de <i>embora</i>) - 113 (até <i>agora</i>)		
	TEXTO	ANÁLISE ESTRUTURAL
		OBSERVAÇÕES
105	fala... fala muito pouco... então ela faz...reeducal/ ... reeducação não mas seria... exercícios... com a fonaudióloga para ver se..... se começa falar mais rapidamente...	
L1	(sei) ...	
100 L2	e agora o menino quer judô...	
L1	ele é menor?	
L2	ele é menor ele tem cinco anos... e além da natação ele quer judô também agora...	

	TEXTO	ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES
113	L2 eu não tenho nenhuma tarde para mim porque a gente <i>acumula</i> quem trabalha fora	A – 113-114 (até <i>acumula</i>): desvio de “ele” para “eu”. B – 114-137	
115	<i>acumula as coisas da cá: sa... e o trabalho feito fora...né? então:.... toda a responsabilidade</i> [()	C – 138-140: comentário conclusivo de L2, terminado por uma expressão (frase feita): <i>é uma loucura</i> ; entonação conclusa; risos (fato não-verbal).	
120	L1 L2 não só de administração da casa... como de compras... tudo... de toda/todas as medidas a serem tomadas... é por conta da mãe... quer dizer que então é:.... fi/acaba sendo uma loucura... e/eu agora eu falo depressa... <i>é tudo correndo</i> ... não é mais aquela pessoa assim admirável aquelas pessoas cal::mas [Doc tranqüi::la	Referenciais sublinhados no próprio texto	

SEGMENTO Nº 7		TÍTULO: Acúmulo de atividades de L2 dentro e fora do lar	
LINHAS: 113 (a partir de eu) - 140			
TEXTO		ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES
125	L2	tranqüi::las... que:: dificilmente... perdem a cal::ma perdem o con- tro::le... falam falam pausadamen::te que não tem aquele rosto sua::do assim:: e agora não eu estou <i>sempre correndo</i> estou sempre falando tudo depressa porque não dá tempo... é... se impôs	
130	L1	 se a gente for parar...	
	L2	essa atitude sua...	
	L1	é... ((risos)) exatamente se a gente	
	L2	for parar para fazer as coisas calma- mente não dá... pura e simplesmente não	
135		dá... então a gente <i>corre depressa</i> vai para o carro troca de roupa correndo faz isso faz (não sei que tá tá) é...	
	L1	na minha casa de manhã	
	L2	 ()	
140	L1	é uma loucura ((risos))	
	L2		

SEGMENTO Nº 8		TÍTULO: Trabalho de L1 com os filhos	
LINHAS: 141-165 (até não é?)			
TEXTO		ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES
141	L1 na <i>minha casa também</i> porque... saem...ahn:: cinco... comigo de manhã L2 ahn L1 às sete horas. 145 L2 ahn L1 para <i>irem para a escola</i> L2 uhn uhn L1 três <i>es/vão para o colégio</i> e dois vão para uma... um cursinho... de matemática... e o menor então esses cinco 150 saem... e vão... para Pinheiros... L2 uhn uhn. L1 quando não é éh não é dia do meu marido ir para a faculdade... eu fico por Pinheiros e volto para casa agora em dois dias da semana... eu levo faculdade também... não é? 155 L2 ahn ahn	A – 141 (até <i>também</i>): troca de turno, com mudança de enfoque anterior (isto é, da narrativa pessoal de L2 para a de L1), marcado ainda por <i>também</i> . B – 141-164: fala de L1 bastante monitorada (7 vezes). C – 165: enunciado conclusivo de L1, iniciado pelo marcador <i>então</i> e terminado pelo marcador <i>não é?</i>	
		Referenciais sublinhados no próprio texto	

SEGMENTO Nº 8			TÍTULO: Trabalho de L1 com os filhos	
LINHAS: 141-165 (até não é?)			(continuação da página anterior)	
	TEXTO	ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES	
L1	e:: depois volto para casa <i>mas chego já apronto o outro para ir para a escola...</i> o menorzinho... e fico na:::queelas lides domésticas			
160 L2	[ahn ahn			
L1	e::: uma coisa e outra... e::: agora à <i>tarde vão dois para a escola</i> mas... tem ativi/os que ficam em casa têm atividades extras.			
L2	uhn uhn			
165 L1	[então é um <i>corre-corre realmente...</i> não é?...			

SEGMENTO Nº 9		TÍTULO: Acúmulo de atividades de L1 dentro e fora do lar	
LINHAS: 165 (a partir de <i>agora</i>) - 175			
TEXTO		ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES
165	L1 <i>assumi também... uma:: secretária de APM... lá no colégio das crianças</i> L2 certo L1 <i>então eu tembo muito tarefa tam-bém... fora</i> 170 L2 ahh L1 de casa não é?... L2 fora de () L1 manter contato com entidades aqui do bairro... com... os pais de alunos e tudo mais quer dizer que dá trabalho <i>então é um corre-corre...durante a semana toda.... né?</i>	A - 165-168: modulação de voz indicando início frasal, marcado pelo <i>agora</i> ; desvio do enfoque "ele" para "eu"; introdução de informação nova. B - 169-174 C - 175: enunciado (comentário conclusivo de L1, iniciado pelo marcador <i>então</i> e terminado pelo marcador <i>né?</i> , após pausa de 3". Referenciais sublinhados no próprio texto	Observe-se a semelhança entre as evidências do fecho deste segmento tópico comparadas com as do segmento tópico anterior (nº 8).

SEGMENTO Nº 14		TÍTULO: Noção de horário dos filhos L2	
LINHAS: 283-299			
TEXTO		ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES
283	Doc. seus filhos estão com que idade H.? L2 com três e cinco anos	A – 283-285: P da doc. na linha 285 precedida de outra preparatória (linha 283) condicionante da P principal.	
285	Doc. eles têm <i>noção de bo::ras... noção de:: borário?</i> L2 olha nós ()... () <i>têm:: noção de borário...</i> porque eh eles... lá lá em casa é tudo em <i>função de borário...</i>	B – 286-298 C – 299: entonação conclusa de L2	
Doc.	ahn ahn		
290	L2 não é verdade? então eles são... obrigados não não sei Doc. () L2 exatamente se eles têm <i>noção de tempo...</i> mas eles têm <i>noção de borário</i> que tudo tem hora eles têm <i>noção de</i>	Referenciais sublinhados no próprio texto	

SEGMENTO N.º 14	TÍTULO: Noção de horário dos filhos de L2	
LINHAS: 283-299	(continuação da página anterior)	
TEXTO	ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES
<p>295 atrasados ou não atrasados ((risos)) () L1 isso se a mãe buZina... mais bra- bamente então é porque está atrasado L2 () (não é) porque sem querer eu vou apitando mais</p>		

SEGMENTO Nº 15		TÍTULO: Correria da manhã de L2	
LINHAS: 300-338 (até cedo)			
	TEXTO	ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES
300	L2 porque... tem que levantar <i>tem que vestir</i> os dois...	A - 300: início marcado pelo <i>porque</i> , introduzindo aspecto sobre o segmento anterior.	Este segmento pode ser subdividido pela identificação clara dos seguintes aspectos: 15.1 - Vestir: 300-311 (até <i>et cetera</i>). 15.2 - Café: 311 (a partir de <i>depois</i> , - 327 (até <i>demonstrado</i>). 15.3 - Saída: 327 (a partir de <i>depois</i>) - 338 (até <i>cedo</i>).
L1	são pequeninos né?	B - 301-338 (até <i>alta</i>).	
L2	porque ambos são pequenos... então eles não aceitam muito a pajem né para éh:.... aliás não é pajem pajem é arrumadeira mas	C - 338 (a partir de <i>então</i>) - 338 (até <i>cedo</i>): enunciado que retoma o início em termos de conclusão, a qual é marcada pelo <i>então</i> .	
305	L1 ()	Referenciais sublinhados no próprio texto	
L2	quer dizer não é só não vive em função deles mas de manhã... a única função dela é me ajudar com eles... mas eles não aceitam o menino porque... quer fazer tudo sozinho...no que eu procuro deixar...e a menina porque quer que seja a (mamãe) que faça né? então sou eu que:: <i>tembo que ir fazer</i> et cetera et cetera... <i>depois</i> o		
310			

SEGMENTO Nº 15	TÍTULO: Correria da manhã de L2	
LINHAS: 300-338 (até <i>ceado</i>)	(continuação da página anterior)	
TEXTO	ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES
<p><i>Café</i>:: em casa o café é muito demorado... muito complicado quer dizer então até eles comerem todas as coisas que fazem... parte do café eles demo::ram um briga com o outro a divisão tem que ser Absolutamente exata... porque se um tiver mais do que o outro sai um monte de briga na realidade não acabam tomando tudo não comendo tudo que tem (e eles tem) mas precisa TER IGUAL ()</p> <p>L1 L2 L1</p> <p>L2</p> <p>Doc. quanto tempo demora... essa refeição?</p>		
315		
320		

SEGMENTO Nº 15		TÍTULO: Correria da manhã de L2	
LINHAS: 300-338 (até cedo)		(continuação da página anterior)	
TEXTO	ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES	
<p>325 L2 ah essa refeição... normalmente leva meia hora mais ou menos... porque eles comem bastante coisa realmente... quer dizer que en- tão:: é demorado... depois ainda <i>tem que escovar dente para sair...</i> é tem que cada um pegar sua lan- cheira o menino pega a pasta por- que ele já tem lição de casa quer dizer <i>é uma corrida assim::</i> <i>bárbara...</i> e diariamente quase que diariamente eles chegam atra- sados...outro dia... ((risos)) num mês eles tiveram quinze atrasos... ((risos)) quer dizer... então:....</p> <p>335 L2 realmente L1 a percentagem está bem alta não? está</p> <p>L2 está está está muito alta então eu procuro levantar mais cedo</p>			

SEGMENTO Nº 22		TÍTULO: O abandono da vida profissional de L1 por causa dos filhos	
LINHAS: 416-425			
TEXTO		ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES
416	Doc. () L2 você... <i>chegou a trabalhar e depois deixar de trabalhar por causa dis/de::</i> L1 <i>eu trabalhei s::ó no início...</i>	A - 417-418: pergunta introdutória de L2 B - 418-425	Na linha 426, ocorre uma interrupção do desenvolvimento provocada por uma digressão (segmento 23 - linhas 426-438), havendo retomada no segmento 24 à linha 438.
420	L2 L1 de casada... L2 (ahn) L1 <i>e quando as gêmeas nasceram... eu... me afastei do serviço...</i>		
425	L2 L1 () ahn ahn	Referenciais sublinhados no próprio texto	

SEGMENTO Nº 23		TÍTULO: Natureza da atividade profissional de L1	
LINHAS: 426-438 (até <i>encaminhava</i>)			
	TEXTO	ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES
436	L1 <i>eu trabalhava</i> no serviço do Estado...	Digressão	
	L2 uhn		
	L1 fazendo parte da.:campanha		
	de.:repressão à mendicância... do go-		
	verno Carvalho Pinto		
	L2 ahn ahn		
430	L1 mas:.... <i>trabalhava al/no:albergue</i>		
	<i>noturno...</i>		
	L2 ahn		
	L1 eh como assistente social sabe?		
	embora não:....	Referenciais sublinhados no próprio texto	
	[
	L2 sei		
	L1 não tivesse curso		
435	L2 uhn		
	L1 mas:.... fazia o atendimento do		
	personal... <i>encaminha:va...</i>		

SEGMENTO Nº 24			TÍTULO: O abandono da vida profissional de L1 por causa dos filhos		
LINHAS: 438 (a partir de e...depois) - 452					
TEXTO		ANÁLISE ESTRUTURAL		OBSERVAÇÕES	
438	L1	e:... depois então eu tive que deixar... fui obrigada a deixar dada a dificuldades.	B - 438 (a partir de e depois) - 451 retomada do desenvolvimento (interrompido no segmento 23) através dos marcadores "e:... depois".		
440	L2	em cas	C - 452: comentário conclusivo de L2 iniciado por é, reafirmando o pois é de L1 (linha 451) e terminando por entonação descendente e silêncio de 4" a 5", permitindo a tomada de turno por L1, iniciando-se, assim, um novo segmento.		
	L1	mas nem:: seria possível			
	L1	né? ()			
	L1	de jeito nenhum e quando eles são pequenos mais			
445	L2	ahm			
	L1	dificuldades a gente tem para... pessoal... para servir né?			
	L2	certo...			
	L1	agora... já é mais fácil... mas quando pequeninos ()			
450	L2	é dão menos trabalho			
	L1	ah:: pois é			
	L2	é... cria menos problema... 4" a 5"			
			Referenciais sublinhados no próprio texto		

SEGMENTO Nº 64			TÍTULO: Comentário generalizante sobre diferenças entre os filhos		
LINHAS: 1503 (a partir de <i>enfim</i>) - 1510					
TEXTO		ANÁLISE ESTRUTURAL		OBSERVAÇÕES	
1503	L1 enfim ali:: numa família grande... a gente observa assim <i>cada um TEM... o seu gosto</i>	Deve-se considerar primeiro que o segmento todo corresponde a uma conclusão do tópico inteiro que ele integra linearmente:			
1505	sabe?... <i>cada um tem as suas características</i> embora...	A – 1503: <i>enfim</i> marca o começo da conclusão.			
L2	mesmo mei::o <i>mesma educação:::to-talmente diferentes</i>	B – 1504-1508			
L1	└ vivendo no mesmo ambiente:::te exatamente	C – 1509-1510: enunciado conclusivo explicitador da observação de L2 (<i>mas são os fatores mesmo...3" que os compõem é que definem essa...diversidade... 2,5"</i>).			
L2	personalidades não é?	Revela-se ainda pela pausa de 3", pelo silêncio de 2,5", entonação conclusiva e o <i>né?</i> , que o tópico está se esgotando e L1 pretende entregar o turno.			
L1	mas são os fatores mesmo... "que os compõem é que definem essa <i>diversidade né?</i> " e assim/	Referenciais sublinhados no próprio texto			
1510					

SEGMENTO Nº 65		TÍTULO: Influência do pai na opção profissional de L2 por advocacia	
LINHAS: 1511-1548 (até <i>ele</i>)			
TEXTO	ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES	
<p>1511 Doc. e quando vocês quiseram...escolher uma carreira... o que as levou <i>escolher a carreira?</i></p> <p>L2 a minha eu acho... eu não tenho certeza para julgar mas eu acho que <i>foi incutida... meu pai... foi o um:...</i> era militar:: mas a vocação dele era ter sido... advogado então ele vivia dizendo isso... e eu tenho a impressão eu não posso dizer porque é difícil... para a gente dizer porque de jeito nenhum ele falou "você vai fazer isso" ... nunca... mas eu acho que ele falava tanto tanto tanto e eu o admirava muito ... eu tenho a impressão que foi... por causa disto embora minha meta fosse Itamarati eu sempre...</p> <p>Doc. Diplomacia</p>	<p>A – 1511-1513: P introdutória da doc. e começo da R de L2, com topicalização do referente básico (a minha=carreira)</p> <p>B – 1514-1546</p> <p>C – 1547-1548: retomada, em tom de conclusão, do comentário avaliativo do início da resposta.</p> <p>Referenciais sublinhados no próprio texto</p>		
<p>1515</p>			
<p>1520</p>			

SEGMENTO Nº 65		TÍTULO: Influência do pai na opção profissional de L2 por advocacia	
LINHAS: 1511-1548 (até <i>ele</i>)		(continuação da página anterior)	
	TEXTO	ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES
L2	pensei em fazer <i>Diplomacia</i> sempre sempre sempre...		
1525	mas:... depois... por uma série de circunstâncias... não foi possível... mas:: então a minha meta teria sido diplomacia... mas eu acho que <i>Di-rito</i> particularmente foi inculcido por ele... principalmente foi porque ele dizia que depois eu teria condições eu não ...		
1530	quer dizer a pessoa teria ele sempre:: (você) ()		
L2	 era sempre impessoal... o negócio né?		
L1	 uhm		
L2	a pessoa teria condições... porque naquela altura...		
1535	a escolha era sempre... ah Direito Engenharia Medicina...		

SEGMENTO Nº 65		TÍTULO: Influência do pai na opção profissional de L2 por advocacia	
LINHAS: 1511-1548 (até <i>ele</i>)		(continuação da página anterior)	
TEXTO		ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES
L1	exatamente 		
L2	só era uma das três não existia:: toda essa gama que existe agora... não é?		
L1	tanta abertura 		
1540 L2	(era uma)		
L1	nê? 		
L2	era uma das três então ele diz/ ele achava que essa a que teria mais possibilidade::de de di/ de diversificação depois... e quando as outras eram mais específicas... né? certo		
1545 L1	um médico era só médico o engenheiro		
L2	era só engenheiro... pelo menos naquela altura... e então:: eu acho que fui <i>incutida por ele</i> ...		

SEGMENTO Nº 66		TÍTULO: Circunstâncias adversas à opção profissional de L2 por diplomacia	
LINHAS: 1548 (a partir de e não) - (até desistindo)			
	TEXTO	ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES
1548 L2	e::e e não e não fiz		
1550 L1	o resto por minha causa... aí... foi... foram <i>circunstâncias que não favoreceram...</i>		
L2	foi <i>circunstâncias que não favoreceram</i> que eu não::... não consegui no <i>Itamarati...</i> () não não consegui não... nem cheguei a tentar... acrescido do fato de que aí depois soube que para mulher era muito difícil que eles quase não admitiam era difícilimo et cetera et cetera... e aí faltou ânimo para tentar para valer ... eu acho que aí se eu tivesse tentado teria conseguido mas realmente faltou ânimo faltou interesse... ((risos)) os interesses comecem... a se:: [()		
1555			
L1	diversificar também né? e a gente acaba desistindo e a gente acaba desistindo...		
1560 L2			

SEGMENTO Nº 67			TÍTULO: Necessidade de carreira profissionalizante de L1		
LINHAS: 1561 (apart de e <i>você</i>) - 1564					
1561 L2	TEXTO	ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES		
L1	<p>e você por que que você fez? porque... eu fiz o curso <i>Normal</i>... porque eu havia perdido o meu pai fazia:: ah no no primeiro colegial...e::eu precisava... ter uma ah optar por uma <i>carreira pro/</i> -</p>	<p>A - 1561 (a partir de e <i>você</i>): pergunta direta de L2. B - 1562-1564</p> <p>Referenciais sublinhados no próprio texto</p>			

SEGMENTO Nº 68			TÍTULO: Preocupação de L1 com o horário de encerramento da entrevista		
LINHAS: 1565 (até <i>nossa</i>)					
1565 L1	TEXTO	ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES		
L1	<p>meu relógio está atrapalhando a <i>nossa</i>...</p>	<p>Digressão</p>			

SEGMENTO Nº 69		
TÍTULO: Necessidade de carreira profissionalizante de LI		
LINHAS: 1565 (a partir de <i>por</i>) - 1574 (até <i>tempo</i>)		
TEXTOS	ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES
<p>1565 LI</p> <p>por uma <i>carreira profissionalizante...</i> eu achei que as coisas dali para frente seriam mais difíceis eu comecei o colegial... pensando em Medicina... e pensando em contar com o meu pai... para... o custeio do estudo mas desde o momento em que eu... o perdi eu:: preferi uma <i>carreira profissionali- zante...</i> um <i>colegial profissionalizante</i> para que eu tivesse chance de já trabalhar assim... que formar não é? e:: daí me empolguei pelo <i>magistério</i> <i>leccionei</i> algum tempo...</p>	<p>B - 1565 (a partir de <i>por</i>) - 1573 (até <i>não é?</i>)</p> <p>C - 1573-1574: enunciado narrativo, com valor de comentário impressionista de conclusão, iniciado com e::daí (e::daí me empolguei pelo <i>magistério leccionei algum tempo</i>).</p> <p>Referenciais sublinhados no próprio texto</p>	
<p>1570</p>		

SEGMENTO Nº 70 TÍTULO: Opção de LI por Pedagogia		OBSERVAÇÕES
LINHAS: 1574 (a partir de e ao terminar) - 1599		
TEXTO	ANÁLISE ESTRUTURAL	
1574 LI e:: ao terminar o <i>Normal</i> eu logo optei pela <i>Pedagogia</i> que era um curso assim que dá uma cultura... geral BOa não é?... ah o nosso curso foi... bem dado e tudo mais e eu gostei... e não fiz outra:: <i>outras especializações</i> dentro outras especializações não... outra:: não segui outras carreiras ah::.... que o curso de <i>Pedagogia</i> daria possibilidade como o caso da <i>Orientação Educa-</i> <i>cional</i> ... que:: no quarto ano eu poderia ter feito... e a Psicologia Clínica também que:: que poderia ter feito no quarto ano como opção ... entre a licenciatura... ou a licen- ciatura em Pedagogia ou a	A - 1574 (a partir de e:: <i>ao terminar</i>) - 1575 (até <i>Pedagogia</i>): enunciado de transição com referentes bidirecionais: <i>Normal</i> (vinculado ao segmento anterior), <i>Pedagogia</i> (vinculada ao posterior). B - 1575 (a partir de <i>que</i>) - 1598 (até <i>sabe?</i>) C - 1598-1599: síntese conclusiva começada por <i>então</i> e terminada com o referente <i>curso</i> .	
1585 Psicologia Clínica sem vestibular naquele tempo era... possível... e:: eu não fiz por falta de tempo porque eu	Referenciais sublinhados no próprio texto	

SEGMENTO Nº 70	TÍTULO: Opção de L1 por Pedagogia	
LINHAS: 1574 (a partir de e ao terminar) - 1599	(continuação da página anterior)	
TEXTO	ANÁLISE ESTRUTURAL	OBSERVAÇÕES
<p>me casei no:: tercei/ no no terceiro ano... de faculdade e daí logo vieram as gêmeas e eu não::... não fiz... a <i>Orientação</i> no quarto ano porque a carga horária era muito grande... sabe? então eu... preferi terminar a Pedagogia e fiz a <i>licenciatura</i>... mas éh e como::... ah:: formado em <i>Pedagogia</i> eu não falo como pedagoga porque:: eu não:: me considero... como formada em <i>Pedagogia</i>... eu não usei o meu <i>diploma</i> porque eu não lecionei no secundário sabe?... então daí o motivo de eu ter escolhido <i>Pedagogia</i>... e gosto muito... daí:: psicologia da criança... do adolescente a Psicologia em geral me cativa sabe?... então... aí está o motivo pelo qual... eu escolhi esse curso</p>		
1590		
1595		

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE-GNERRE, M. B. "Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e causal do português do Brasil", *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 2, 1981, pp. 23-43.
- ALVES, I. M. "Aspectos da composição nominal no português contemporâneo", *Alpha*, 30-1, 1986, pp. 55-63.
- _____. "A produtividade do prefixo *não-* no português contemporâneo", *Ciência e Cultura*, 39 (11), 1987, pp. 1.026-8.
- _____. "Prefixos negativos no português falado", neste volume, pp. 87-95.
- ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Cambridge: MIT Press, 1976.
- BARRENECHEA, A. M. "Operadores pragmáticos de actitud oracional: los advérbios en *-mente*", in J. M. Lope-Blanch (org.), *Estudios sobre el español hablado*. México: UNAM, 1969.
- BARTSCH, R. *The grammar of adverbials*. Amsterdã: North Holland, 1976.
- BASÍLIO, M. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- _____. "Re-estudo de agentivos", comunicação no VI Encontro Nacional de Lingüística. Rio de Janeiro, PUC, 1981.
- _____. "Substantivação plena e substantivação precária: um estudo de classes de palavras em português", comunicação no VIII Encontro Nacional de Lingüística. Rio de Janeiro, PUC, 1982.

- BASILIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- . “Prefixos: a controvérsia derivação/composição”, *Cadernos de Lingüística e Língua Portuguesa*, 1, 1989, pp. 3-13.
- . “Flutuação categorial de base adjetiva no português falado”, neste volume, pp. 73-86.
- BASTOS, L. C. “Os prefixos negativos *a-* e *anti-*”, *Cadernos de Lingüística e Língua Portuguesa*, 1, 1989, pp. 14-27.
- BELLERT, I. “On semantic and distributional properties of sentential adverbs”, *Linguistic Inquiry*, 8 (2), 1977, pp. 337-50.
- BIERWISCH, M. “On classifying semantic features”, in M. Bierwisch e E. K. Heidolph (org.), *Progress in linguistics, a collection of papers*. Haia, Paris: Mouton, 1969, pp. 27-50.
- BONFIM, E. *Advérbios*. São Paulo: Ática, 1988.
- BORDA, F. S. et al. *Dicionário de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo, 1990.
- BORILLO, A. “Les adverbes et la modalisation de l’assertion”, *Langue Française*, 30, 1976, pp. 74-89.
- BROWN, G. e YULE, G. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CASTELEIRO, J. M. “Análise gramatical dos advérbios de frase”, *Biblos*, 58, 1982, pp. 99-110.
- CASTILHO, A. T. Análise de conversação e ensino de língua portuguesa, inédito, 1986.
- . “Para o estudo das unidades discursivas no português falado”, in *Gramática do português falado — Vol. I: A ordem*, 1987, pp. 249-80.
- . (org.) *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- . (org.) *Gramática do português falado — Vol. I: A ordem*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

- CASTILHO, A. T. e PRETI, D. *A linguagem culta na cidade de S. Paulo — Elocuções formais*. São Paulo: FAPESP, T. A. Queiroz, 1986, vol. 1.
- . *A linguagem falada culta na cidade de S. Paulo — Diálogos entre dois informantes*. São Paulo: FAPESP, T. A. Queiroz, 1987, vol. 2.
- CHING, Li. “Sobre a formação de palavras com prefixo em português atual”, *Boletim de Filologia*, 22, 1973.
- CLEMENTS, G. N. e KEYSER, S. J. *CV phonology: a generative theory of the syllable*. Cambridge: MIT Press, 1983.
- COSTA, I. B. “Processos morfofonológicos na morfologia derivacional”, neste volume, pp. 119-30.
- CUNHA, C. F. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC, FENAME, 1987.
- CUNHA, C. F. e CINTRA, C. - F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.
- DANON-BOILEAU, L. (org.) *Modalités=Langages*, 43, 1976.
- DASCAL, M. “A relevância do mal-entendido”, *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 11, 1986, pp. 199-217.
- DASCAL, M. e KATRIEL, T. “Digressions: a study in conversational coherence”, in J. S. Petöfi, (org.), *Text vs. sentence*. Hamburgo: Buske, s. d., pp. 76-95.
- DASCAL, M. e DAUER, R. “Stress-timing and syllable timing reanalysed”, *Journal of Phonetics*, 11, 1983, pp. 51-62.
- DRESSLER, W. *Morphonology: the dynamics of derivation*. Karoma Publishers Inc., 1985.
- DUCROT, O. *Princípios de semântica lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- DURANTI, A. e OCHS, E. “Left dislocation in Italian conversation”, in T. Givón, (org.), *Discourse and syntax [= Syntax and semantics*, vol. 12]. Nova York: Academic Press, 1979. pp. 377-416.
- ENKVIST, N. “Notes on valency, semantic scope and thematic perspective as parameters of adverbial placement in English”, in N. Enkvist, e V. Kohonen, (orgs.), *Approaches to word order*. Abo, Academi, 1982, pp. 51-74.
- FUCHS, C. *La paraphrase*. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.

- GALVES, C. "Objet nul et prédication en Portugais du Brésil", comunicação apresentada no 7^a Colóquio Internacional de Linguística. Paris, Université de Paris VIII, 1987, manuscrito inédito.
- GOFFMANN, E. "Replies and responses", *Language in Society*, 5, 1976, pp. 257-313.
- GOLDSMITH, J. *Autosegmental phonology*. Nova York: Garland, 1979.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 1975.
- FERREIRA, M. M. C. "O comportamento prefixal de *não-*", comunicação apresentada no XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas. Santiago de Compostela, 1989.
- HALLIDAY, M. A. K. "Intonation et rythme: suppléments à la proposition", *Actes sémiotiques — Document VII/61*. Paris: C.N.R.S, 1985a.
- . *An introduction to functional grammar*. Londres: Edward Arnold, 1985b.
- HAMPEJS, Z. "Para o estudo da linguagem da imprensa brasileira contemporânea", *Revista Brasileira de Filologia*, 6, 1961, pp. 51-114.
- HARRIS, J. *Spanish phonology*. Cambridge: MIT Press, 1969.
- ILARI, R. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1986.
- . "Sobre os advérbios focalizadores", neste volume, pp. 181-98.
- . "Sobre os advérbios aspectuais", neste volume, pp. 139-80.
- ILARI, R. et al. "Considerações sobre a posição dos advérbios", in A. T. Castilho, (org.), *Gramática do português falado — Vol. I: A ordem*, 1990, pp. 63-141.
- JACKENDOFF, R. *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge: MIT Press, 1972.
- . "Morphological and semantic regularities in the lexicon", *Language*, 51, 1975, pp. 639-71.
- . *Semantics and cognition*. Cambridge: MIT Press, 1983.
- JACOBSON, B. "Adverbs, prepositions and conjunctions in English: a study in gradience", *Studia Linguistica*, 31 (1), 1977, pp. 38-64.

- KATO, M. A. "A formal-functional approach: or an integrated view of language description", trabalho apresentado no ENPULI, Universidade Federal do Ceará, jul., 1985.
- _____. "A teoria da adjacência de caso e a posição entre o sujeito e o elemento portador de flexão em português", *Estudos Lingüísticos*, 15, 1987, pp. 213-21.
- _____. "Miniorações e a ordem dos constituintes no português", texto discutido no III Encontro da ANPOLL, 1989.
- KAYNE, R. *Connectedness and binary branching*. Dordrecht: Foris, 1984.
- KEENAN, E. O. e SCHIEFFLIN, B. B. "Topic as a discourse notion: a study of topic in conversation of children and adults", in N. Li, *Subject and topic*. Nova York: Academic Press, 1976, pp. 335-84.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.
- KOCH, I. G. V. et al. "Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado", in A. T. Castilho (org.), *Gramática do português falado — Vol. I: A ordem*, 1990, pp. 143-84.
- KOVACCI, O. "Modificadores de modalidad", *Romanica*, 2, 1972, pp. 177-90.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. "The overstimulation of functionalism", in R. Dirven e V. Fried, (org.), *Functionalism in linguistics*. Amsterdã, Filadélfia: John Benjamins, 1987, pp. 311-32.
- LAKOFF, G. "Hedges, a study in meaning criteria and the logic of fuzzy concepts", *Papers from the eighth regional meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago: CLS, 1972, pp. 183-227.
- LAVANDERA, B. *Variación y significado*. Buenos Aires: Hachette, 1984.
- LEBEN, W. *Suprasegmental phonology*. Nova York: Garland, 1979.
- LEHRER, A. *Semantic fields and lexical structure*. Dordrecht: North Holland, 1974.
- LEMLE, M. *Análise sintática*. São Paulo: Ática, 1984.
- LEMLE, M. e NARO, A. J. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: MBRAL-Fundação Ford, 1977.

- LOBATO, L. M. P. "Advérbios e preposições, sintagmas adverbiais e sintagmas preposicionais", *DELTA*, 5(1), 1989, pp. 101-20.
- LYONS, J. *Semantics*. Londres: Cambridge University Press, 1977.
- _____. *Éléments de sémantique*. Paris: Larousse, 1978.
- MACLENNAN, L. J. *El problema del aspecto verbal*. Madri: Gredos, 1962.
- MAJOR, R. "Stress and rythm in brazilian portuguese", *Language*, 61, 1985, pp. 259-82.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. Coesão e coerência na conversação: organização tópica, 1988, mimeografado.
- _____. "Marcadores conversacionais no português brasileiro", in A. T. Castilho (org.), *Gramática do português falado — Vol. I: A ordem*, 1989, pp. 281-321.
- MASCARO, J. "On the form of segment deletion and insertion rules", *Probus*, 1, 1989, pp. 131-61.
- MATTHEWS, P. H. *Morphology: an introduction to the theory of word structure*. Londres: Cambridge University Press, 1982.
- MAYNARD, D. "Placement of topic chances in conversation", *Semiótica*, 30, 1980, pp. 263-90.
- MORAES DE CASTILHO, C. M. Relatório à FAPESP, 1989, manuscrito.
- MORAIS, C. B. Número dos substantivos e adjetivos. Araraquara, UNESP, 1989, mimeografado.
- NAKAJIMA, E. "The V⁴ system and bounding category", *Linguistic Analysis*, 9(4), 1982, pp. 341-78.
- NEVES, M. E. de M. *A vertente grega da gramática tradicional*. São Paulo: Hucitec, Universidade de São Paulo, 1987.
- NØLKE, H. *Les adverbes paradigmatisants: fonction et analyse*. [= *Revue Romane*, 23, número especial]. Copenhague: Études Romanes de l'Université de Copenhague, 1983.
- PASSOS, C. et al. A velocidade como fator de variação lingüística. Salvador, Instituto de Letras da UFBa, 1979, manuscrito.

- PASSOS, C. e PASSOS, M. "O auto-segmento tonal em português", *Estudos Lingüísticos e Literários (Salvador, BA)*, 1, 1984, pp. 67-80.
- PEREIRA, M. A. B. Gênero e número em português, estudo das relações forma-sentido na gramática. Tese de doutorado, UFRJ. Rio de Janeiro, 1984.
- PEREIRA, R. F. Neologismos na mensagem publicitária. Dissertação de mestrado, FFLC, Assis, s.d.
- PERINI, M. A. "Nota sobre o uso das velocidades de enunciação na descrição de fenômenos fonológicos", *Ensaio de Lingüística*, 11. Belo Horizonte: FALC, UFMG, 1984.
- . *Sintaxe portuguesa*. São Paulo: Ática, 1989.
- PIKE, K. L. *The intonation of american english*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1945.
- PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.
- PRETI, D. e URBANO, H. (org.) *A linguagem falada culta na cidade de S. Paulo — Diálogos entre o documentador e o informante*. São Paulo: FAPESP, T. A. Queiroz, 1988, vol. 3.
- . (org.) *A linguagem falada culta na cidade de S. Paulo — Estudos*. São Paulo: FAPESP, T. A. Queiroz, 1990, vol. 4.
- QUIRK, sir R. et al. *A comprehensive grammar of the english usage*. Londres: Longman, 1985.
- SACHS, H. et al. "A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation", *Language*, 50, 1974, pp. 696-735.
- SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor-Icone, 1989.
- SANKOFF, G. "A quantitative paradigm for the study of communicative competence", in R. Brauman e J. Scherzer, (orgs.), *Explorations in the ethnography of speaking*. Nova York: Cambridge University Press, 1974.
- SCHENKEIN, J. (org.) *Studies in the organization of conversational interaction*. Nova York: Academic Press, 1978.
- SCHERRE, M. M. P. Reanálise da concordância nominal em português, 2 vols. Tese de doutorado, UFRJ. Rio de Janeiro, 1988.

- SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- SELKIRK, E. "The syllable", in H. van der Hulst e N. Smith, (orgs.), *The structure of phonological representations*. Dordrecht: Foris Publications, 1982, parte III, pp. 336-83.
- STOWELL, T. *Origins of phrase structure*. Tese de doutorado, Massachussets Institute of Technology. Cambridge, 1981.
- TARALLO, F. e KATO, M. A. *Harmonia transsistêmica: variação inter e intra-lingüística [= Preedição 5]*. Campinas: UNICAMP, 1989.
- TARALLO, F. et al. "Rupturas na ordem da adjacência canônica no português falado", in A. T. Castilho (org.), *Gramática do português falado — Vol. I: A ordem*, 1990, pp. 29-62.
- _____. "Preenchimentos em fronteiras de constituintes", neste volume, pp. 277-310.
- TOLEDO, G. *El ritmo en el español*. Madri: Gredos, 1988.
- VOGT, C. A. *Linguagem, pragmática e ideologia*, 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

1 2-19	2 20-36	3 37-62	4 63-75	5 75-92	6 92-113
Planejamento familiar de L1	Tamanho da família de origem L1	Ausência de problemas com os filhos adolescentes L1	Tamanho da família de origem de L2	Planejamento familiar de L2	Trabalho de L2 com os filhos

7 113-140	8 141-165	9 165-175	10 176-186	11 187-227	12 228-257
Acúmulo de atividades de L2 dentro e fora do lar	Trabalho de L1 com os filhos	Acúmulo de atividades de L2 dentro e fora do lar	Atenuação de atividades de L2 pela autonomia dos filhos maiores	Atitudes supervisoras da filha de L1	Reação dos irmãos à supervisora

13 257 - 282	14 283 - 299	15 300 - 338	16 338 - 362	17 363 - 387	18 387 - 405
Cumplicidade entre os filhos de L2	Noção de horário dos filhos de L2	Correria da manhã de L2	Resistência do filho de L2 à escola	Questão do período escolar dos filhos de L2	Escolha da escola dos filhos de L2

19 405-413	20 413-414	21 415	22 416-425	23 426-438	24 438-452
Adaptação da filha à escola	Agradecimento de L2	Adaptação da filha de L2 à escola	Abandono da vida profissional de L1 por causa dos filhos	Natureza da atividade profissional de L1	Abandono da vida profissional de L1 por causa dos filhos

25 453-461	26 462-478	27 478-499	28 499-580	30 634-645
Concurso de ingresso de L2 na carreira de procurador	Expectativa de novo concurso	Facilidade de complementação em casa do trabalho de procurador	Expectativa de novo concurso	Avaliação de carreira de procurador em função do sexo

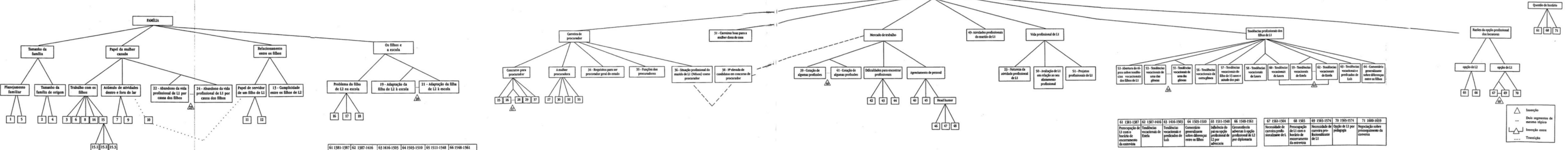
31 646-680	32 681-725	33 726-787	34 788-802	35 803-836	36 837-876
Carreiras boas para a mulher dona de casa	Resistência por parte dos homens à entrada da mulher na procuradoria	A procuradora geral Ana Glândia	Requisitos para ser procurador geral do estado	Funções dos procuradores	Situação profissional do marido de L1 (Nelson) como procurador

37 877-892	38 892-895	39 895-898	40 899-908	41 908-929	42 929-966
Insistência de concurso para procurador	Número elevado de candidatos em concurso de procurador	Cotação de algumas profissões	Funcionamento das agências de emprego	Cotação de algumas profissões	Engenheiros agrônomos

43 976-975	44 975-1026	45 1026-1033	46 1034-1102	47 1103-1135	48 1136-1159
Outras especialidades em que é difícil encontrar profissionais	Favor idade	Solicitação do mundo empresarial em relação à captação de empregados	Conceitualização e descrição da estratégia "head hunter"	Questão da ética	Interferência de amigos e parentes na seleção de empregados

49 1160-1191	50 1192-1215	51 1192-1215	52 1248-1252	52 1253-1267	54 1267-1273
Atividades profissionais do marido de L1	Avaliação de L1 em relação ao seu ajustamento profissional	Projetos profissionais de L1	Abertura do tópico sobre tendências vocacionais dos filhos de L1	Tendências vocacionais de uma das gêmeas	Livro sobre profissões

55 1273-1284	56 1284-1291	57 1291-1367	58 1367-1368	59 1369-1373	60 1373-1380
Tendências vocacionais de uma das gêmeas	Tendências vocacionais da outra gêmea	Tendências vocacionais do filho de 13 anos e saúde dos pais	Tendências vocacionais de Laura	Tendências vocacionais de Estela	Tendências vocacionais de Laura



61 1381-1387	62 1387-1416	63 1416-1503	64 1503-1510	65 1511-1548	66 1548-1561
Preocupação de L1 com o horário de encerramento da entrevista	Tendências vocacionais de Estela	Tendências vocacionais e predicados de Luis	Comentário generalizante sobre diferenças entre os filhos	Influência do pai na opção profissional de L2 por advocacia	Circunstâncias adversas à opção profissional de L2 por diplomacia

61 1381-1387	62 1387-1416	63 1416-1503	64 1503-1510	65 1511-1548	66 1548-1561	67 1561-1564	68 1565	69 1565-1574	70 1565-1574	71 1600-1659
Preocupação de L1 com o horário de encerramento da entrevista	Tendências vocacionais de Estela	Tendências vocacionais e predicados de Luis	Comentário generalizante sobre diferenças entre os filhos	Influência do pai na opção profissional de L2 por advocacia	Circunstâncias adversas à opção profissional de L2 por diplomacia	Necessidade de carreira profissionalizante de L	Preocupação de L1 com o horário de encerramento da entrevista	Necessidade de carreira profissionalizante de L1	Opção de L1 por pedagogia	Negociação sobre prosseguimento da conversa

